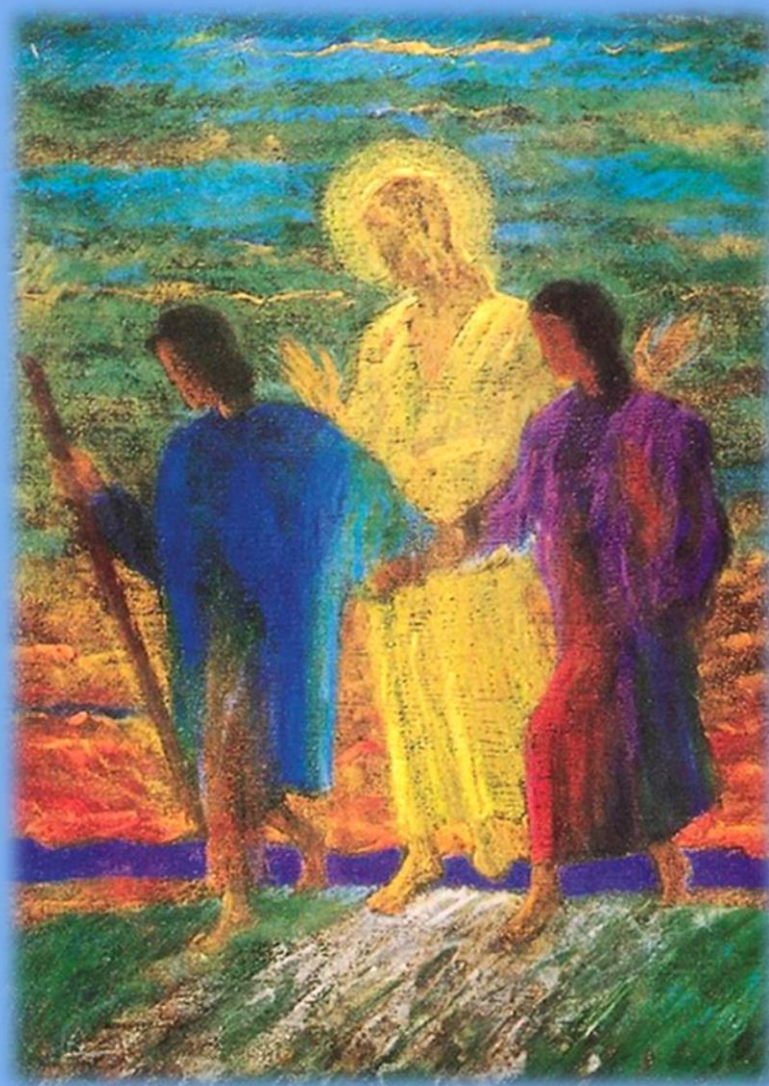


TRADITIO SCALABRINIANA

Sussidi per l'approfondimento



32

Novembre 2020

TRADITIO SCALABRINIANA

Sussidi per l'approfondimento

32

Novembre 2020

In questo numero:

Carvalho Valdiza, mscs	
<i>“Estação de Roraima”. Experiência com imigrantes e refugiados</i>	1
<i>“Roraima Center”. Experience with migrants and refugees</i>	6
Fumagalli Anna, mss	
<i>Itineranza, una dimensione fondamentale della vita cristiana</i>	11
<i>Itinerancy, a fundamental dimension of Christian living</i>	18
Bentoglio Gabriele, cs	
<i>Incontro, dialogo e annuncio nella guarigione di un uomo cieco dalla nascita (Gv 9,1-41)</i>	24
<i>Encounter, dialogue and proclamation in the healing of a man born blind (John 9:1-41)</i>	32

Comitato di Redazione

Graziano Battistella cs, Elizangela Chaves Dias mscs, Anna Fumagalli mss

Per il testo base della *Traditio Scalabriniana*, si veda il n. 1 (giugno 2005)

“ESTAÇÃO DE RORAIMA”

Experiência com imigrantes e refugiados

Ir. Valdiza Carvalho, mscs

Primeiros Passos

No despertar do dia 28 de janeiro de 2012, cheguei em Manaus-AM, enviada para uma missão junto aos imigrantes haitianos que neste tempo estavam chegando em massa ao Brasil, através da fronteira Brasil-Colômbia. No alvorecer do dia seguinte, recebemos 678 haitianos vindos da cidade de Tabatinga, fronteira com a Colômbia. Este fluxo acentuado se devia a um acordo entre Brasil e Haiti, para concessão de vistos humanitários em decorrência do terremoto ocorrido no Haiti, em 2010. No ano seguinte, isto é, em 2013, acolhemos rostos diferentes, três jovens venezuelanos bateram às portas de nossa missão em Manaus. Eram profissionais em busca de emprego. Até o momento em Manaus haviam muitos colombianos, peruanos e cubanos, mas praticamente não haviam imigrantes venezuelanos, fato é que a presença destes três jovens nos pareceu o indicativo de uma iminente crise migratória.

Os indícios da possível crise migratória começaram a se tornar evidentes em 2014, quando recebemos mais de 3.000 haitianos residentes na Venezuela. Segundo seus relatos, aquele país não era mais o mesmo, estava entrando numa grande crise político-econômica que inviabilizava os meios de vida para os imigrantes. Os imigrantes haitianos, portanto, foram os primeiros a perceberem os sinais da crise econômica que afetaria a Venezuela.

Neste cenário, em 2015, o Centro Pastoral dos Migrantes da Igreja dos Remédios, em Manaus, coordenado pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas, atendeu numerosas famílias venezuelanas, cujo indicador gerou preocupações. Visando responder as necessidades emergentes, em abril de 2015, fui convidada por uma equipe da Pastoral do Migrante de Boa Vista/Roraima e pelo Bispo Dom Roque Palosqui, para uma reunião de sensibilização sobre a questão migratória. O fato é que já havia ali vários cubanos, estudantes internacionais, e numerosas famílias venezuelanas.

À luz da espiritualidade scalabriniana que move o meu ser missionário, posso dizer ter sido este um dos primeiros sinais da ação do Espírito de Deus, plantando as sementes da missão Scalabriniana em Roraima, e regando com sua graça operosa. No segundo semestre de 2015, houve um grande fluxo de imigrantes indígenas da etnia waraos em Boa Vista/Roraima, e o crescente número destes imigrantes nas ruas de Boa Vista passou a chamar a atenção da população local e da mídia nacional.

E assim, ano após ano as entradas de imigrantes venezuelanos em Roraima cresciam descontroladamente, não obstante as tentativas do governo brasileiro de expulsar ou impedir a entrada irregular de imigrantes venezuelanos. A intensidade do fluxo de fuga de venezuelanos para o Brasil começou a ser incontrolável e o único abrigo de Roraima, com espaço para acolher 300 pessoas, não era suficiente para atender a demanda.

Entre muitas idas e vindas a Roraima, diante dos clamores dos migrantes e do apelo da Igreja local, a Congregação da Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas sentiu a urgência de uma resposta mais efetiva a esta situação de emergência das migrações, ampliando a sua tenda entre

os imigrantes para promover a defesa de seus direitos e de sua dignidade, sendo migrante com os migrantes, através da abertura de centros de acolhida e atendimento, e de inúmeras atividades de formação da comunidade local, que também sofria as consequências dessa crise migratória, além de um incansável trabalho em vista da proteção, promoção e integração dos imigrantes no território brasileiro.

“Estação de Roraima”

Como missionárias itinerantes chegamos em Boa Vista em fevereiro de 2018. Como os três discípulos que seguiam o mestre no evento da transfiguração, esperávamos por conhecer mais profundamente os motivos pelos quais o Senhor nos escolhera e conduzira àquele local sagrado, onde o rosto transfigurado dos migrantes revelava a verdadeira humanidade de Cristo crucificado nos pobres e marginalizados. Experimentamos a generosa acolhida do Bispo local, Dom Mário Antônio, e armamos nossa tenda na Casa Betânia, casa para acolhida de religiosas.

Deste lugar teológico fomos tomando conhecimento da realidade migratória de Boa Vista e tocadas pelos mesmos sentimentos de compaixão vividos pelo bem-aventurado João Batista Scalabrini na Estação de Milão.

“Há vários anos, em Milão, fui expectador de uma cena que deixou em meu espírito, uma impressão de profunda tristeza. Passando pela estação, vi a vasta sala, os pórticos laterais e a praça adjacente invadidos por trezentos ou quatrocentos indivíduos, vestidos pobremente, divididos em diversos grupos. Em suas faces bronzeadas pelo sol, sulcadas por rugas precoces que a privação costuma imprimir, transparecia o tumulto dos afetos que agitavam seus corações, naquele momento. Eram velhos curvados pela idade e pelas fadigas, homens na flor da virilidade, mulheres que levavam após si ou carregavam ao colo suas crianças, pequenos e jovens todos irmanados por um único pensamento, todos orientados para uma meta comum. Eram migrantes!” (J.B. Scalabrini, *Uma voz atual*, 355-56)

Também em Roraima presenciei várias praças repletas de imigrantes em situação de extrema precariedade, com rostos transfigurados pela experiência a que foram submetidos. Na praça Simão Bolívar, na qual se interligam as saídas para Manaus, Guiana e Venezuela, havia mais de 1.500 imigrantes acampados.

Diariamente nos colocávamos a caminho para ir ao encontro destes migrantes e escutá-los, numa atitude de acolhida, aproximação e solidariedade. São inenarráveis as inúmeras histórias de vida marcadas pela migração forçada e pela esperança de recomeçar. Com um grupo de voluntários começamos a fazer um senso dos migrantes que se instalaram na Praça. Em um caderno registramos 1.523 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. No contato pessoal e diário com os imigrantes experimentei fortemente a Palavra de Deus: “*Eu vi, ouvi o clamor do meu povo e desci para estar com ele*” (cf Ex 3,7-10). Me faltam palavras para descrever o que meus olhos puderam ver, meus ouvidos ouvirem e minhas mãos puderam tocar. Crianças famintas, há dias sem sequer um banho, uma tristeza imensa! Cada dia aumentava o número de pessoas pelas praças e ruas, dormindo sem um teto seguro, alimentando-se daquilo que as pessoas lhes ofereciam. Cada vez que retornávamos das praças, refletíamos: o que podemos fazer? Por onde começar nossa Pastoral do Migrante, já que o Bispo nos havia dado “carta branca”?

Durante dois meses perdia o sono e não conseguia me alimentar ao pensar no sofrimento cometido àquelas vidas que perambulavam pelas ruas e praças sem saber para onde ir e sem ter para onde voltar. Em meu coração, porém, mantinha firme a esperança e a confiança de que Deus sempre nos dá uma missão à qual somos capazes de realizar. Alimentada por essa esperança foram surgindo ideias de mapear os grupos que serviam alimentação, as instituições que já atuavam com imigrantes e refugiados, para conhecer quais eram as necessidades mais urgentes e saber orientá-los.

Na atividade pastoral procuramos estimular as comunidades católicas, questionando-lhes sobre onde estavam os imigrantes e refugiados em suas comunidades. Estes questionamentos geraram respostas surpreendentes, e surgiram muitas contribuições de empatia das lideranças comunitárias. Juntamente com a Paróquia Consolata e o grupo ‘Mexendo a Panela’, que preparava mais de 1.000 refeições diárias, além da distribuição de alimentos, começamos cadastrando mulheres com crianças de 0 a 5 anos. Foram mais de 700 mulheres cadastradas, às quais fazíamos doações de fraldas e leite e oferecíamos nossa empatia para compartilhar suas dores, sofrimentos e esperanças. Era uma mistura de sentimentos: alegria, pois podíamos atender as necessidades emergenciais básicas daquelas pessoas imigrantes; mas também nos sentíamos impotentes, porque não tínhamos uma solução imediata de abrigo, sendo assim, enquanto retornávamos para nossas casas, os imigrantes, isto é, crianças, adultos, famílias inteiras, permaneciam aglomerados nas ruas e praças da cidade.

Deus, porém, é sempre surpreendente e na hora mais quente do dia nos visita com sua bondade e nos brinda com sua graça (Gn 18,1-10). Diante da realidade dos migrantes a Igreja Católica do Brasil, à luz do magistério de Papa Francisco, iniciou uma campanha de interiorização dos migrantes, promovendo a acolhida nas dioceses e paróquias do Brasil. Em seguida, também o governo brasileiro respondeu através da ‘Operação Acolhida’, ação do governo federal com toda uma infraestrutura de ordenamento de fronteira, abrigamento e interiorização dos migrantes.

Alargando a Tenda

A cada dia alargávamos nossa tenda, respondendo as necessidades dos migrantes com as ações emergenciais, com a graça de Deus, que ama os migrantes, e caminha com eles, e não lhes abandona diante de suas necessidades, seguíamos trabalhando incansavelmente e confiantes na providência:

“Pois o SENHOR vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas; Que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. Por isso amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito” (Dt 10,17-19).

O amor pelo migrante foi nossa identidade, de longe éramos reconhecidas pelas mães, crianças e todos que queriam conversar e partilhar suas histórias.

Iniciativas e colaboradores não nos faltavam, assim como a pastoral dos migrantes, em Roraima, começamos a organizar ações em vista do ensino da Língua Portuguesa, da documentação, da Celebração Eucarística em espanhol, do apoio às mulheres grávidas e da organização das equipes da Pastoral do Migrante nas Paróquias e Áreas Missionárias. Em parceria com a UFRR-Universidade Federal de Roraima, através do projeto ‘Português para Acolhimento’, realizamos 57 classes em

quase todos os municípios de Roraima; a maioria nas comunidades católicas com professores voluntários, mais de 1.710 imigrantes concluíram o curso básico de língua portuguesa.

Junto aos ‘Médicos sem fronteiras’ organizamos atividades para mulheres migrantes gestantes de oito e nove meses, mães de recém-nascidos e bebês, a fim de orientá-las sobre a importância do autocuidado e da amamentação, oferecendo-lhes um kit de autocuidado. Numerosas mulheres foram atendidas por essa iniciativa.

Como animadora da Pastoral dos migrantes, em 2018, visitamos todos os municípios de Roraima, formando equipes da Pastoral dos Migrantes. Foram muitas jornadas de documentação e regulamentação da situação jurídica dos migrantes presente nos 15 municípios de Roraima. Conseguimos transportar 15.687 imigrantes, que viviam indocumentados e dispersos pelos municípios de Roraima, até a sede da Polícia Federal, em Boa Vista, para fazerem sua documentação. Em Boa Vista, particularmente, emitíamos em média 220 documentos por semana antes da Pandemia. Ademais, na animação da pastoral dos migrantes motivamos os sacerdotes e agentes pastorais a realizarem um cadastro permanente das famílias migrantes nas Paróquias e áreas missionárias de Roraima e de seus municípios.

Enquanto não temos ainda, um sistema de coletas de dados que favoreça nossa missão, vamos de porta em porta, de migrante em migrante, realizando tudo de maneira muito simples e manual, afim de possibilitar que nossos irmãos e irmãs migrantes possam sair da invisibilidade e do anonimato, tentando superar a cultura da indiferença e do descarte com gestos de solidariedade, partilha, acolhida, escuta e comunhão participativa. É assim que traduzo em ação e busco encarnar no cotidiano de minha vida, aqueles elementos próprios da *Traditio Scalabriniana*: acolhida, itinerância e comunhão na diversidade (cf Texto básico da *Traditio Scalabriniana*, 4), para que a humanidade se torne um lugar de encontro e de fraternidade, onde ninguém é excluído e todos são chamados pelo próprio nome.

Em minha missão, na formação de novos agentes de pastoral, e no contato com autoridades da Igreja, sempre afirmo que os migrantes são dons, “construtores ocultos e providenciais da fraternidade universal”. São “riqueza” para a sociedade e comunidade cristã, “profecia” e “sacramento de catolicidade” (cf Texto básico da *Traditio Scalabriniana*, 5). Mais que nunca, estou convicta da força evangelizadora da acolhida.

A Pastoral do Migrante mobiliza uma enorme quantidade de famílias migrantes. Em todos os municípios nós chegamos primeiro aos migrantes, abrimos estradas e depois outras instituições, como a Caritas Diocesana, Acnur, OIM, aproveitam da nossa estrutura para dinamizar seus apoios. Certamente, nosso olhar é para o migrante na sua integralidade, pois não basta o pão do corpo, se lhes falta o pão da alma, não menos necessário que o primeiro, para não se perderem numa vida toda material, que ameaça sua dignidade de imagem e semelhança divina (cf J.B. Scalabrini, *Uma voz atual*, 356).

Sonhos presentes e futuros

Junto aos migrantes, realizamos nossa missão em constante itinerância, na criatividade diante do imprevisível e na provisoriedade de meios e recursos, contando com o apoio de lideranças cristãs, entidades civis, governamentais e ONGs. Neste período, também nossa ação foi impactada pela pandemia Covid-19, mas ansiamos em continuar com a formação de lideranças para fortalecer a Pastoral do Migrante na Diocese de Roraima.

Sonhos e perspectivas, não nos faltam. Gostaríamos de mobilizar um serviço de comunicação da Pastoral do Migrante através de programas de rádio e redes sociais para divulgar ações, convidar voluntários, suscitar a solidariedade e promover iniciativas solidárias. Porém, nos faltam recursos, não temos acesso as redes sociais, nem dispomos dos meios necessários para começar. Sonhamos com um sistema de coleta de dados mais qualificado, enquanto isso seguimos com os meios que nos são possíveis. Sonhamos com equipamentos de informática para os municípios, assim poderíamos ampliar nossa missão com cruzamento de dados mais atualizados referente a situação, concentração e deslocamentos dos imigrantes e refugiados, para melhor atendê-los em suas necessidades materiais e espirituais.

Para mim, particularmente, a missão na fronteira é uma escola, cujos migrantes se tornam nossos maiores mestres em resiliência, coragem e amor pela vida; há uma enorme riqueza em meio a estas fronteiras que assistem diariamente o crescente fluxo migratório de venezuelanos e haitianos, que entram no Brasil pela fronteira da República da Guiana.

Não posso negar que a exigência da missão me consome as forças físicas, me custa ver tantas pessoas passando necessidades. O rosto do Cristo, verbo encarnado e crucificado nas dores e sofrimento dos migrantes, não me permite desanimar. Por isso, me sinto plenamente feliz de poder ajudar, ainda que de forma simples, nas ações de acolhida emergencial, de integração dos imigrantes e de formação de lideranças para a acolhida dos imigrantes.

Quando percebo que estou demasiadamente centrada sobre os muitos problemas indissolúveis, retorno para mim mesma e retomo a caminhada como um simples instrumento de Deus, um sinal de esperança, não material, mas de uma acolhida integral e profunda, pois não basta o pão do corpo, é indispensável aquele alimento para a alma, como disse o bem-aventurado João Batista Scalabrini.

A missão com os imigrante e refugiados nos transforma, por isso aprendo, todos os dias, que precisamos ser cada vez mais humanas e corajosas a exemplo de Jesus, Peregrino de Emaús.

*Com os migrantes, construtores ocultos e providenciais da fraternidade
universal ... esperamos novos céus e uma nova terra...*

Traditio Scalabriniana, Texto básico, 5

“RORAIMA CENTER”

Experience with immigrants and refugees

Sr. Valdiza Carvalho, mscs

First steps

Early in the morning of January 28, 2012, I arrived in Manaus-AM, where I was sent for a mission with the Haitian immigrants who, at that time, were arriving in masse in Brazil, across the Brazil-Colombia border. The following day, at dawn, we received 678 Haitians, coming from the city of Tabatinga, on the border with Colombia. This massive flow was due to an agreement between Brazil and Haiti for the granting of humanitarian visas in the aftermath of the 2010 Haiti earthquake. The following year, that is, in 2013, we welcomed different faces: three young Venezuelans knocked on the doors of our mission in Manaus. They were professionals looking for a job. Until then in Manaus there were many Colombians, Peruvians and Cubans, but there were practically no Venezuelan immigrants. The presence of these three young people seemed to us a sign of an imminent migration crisis.

The signs of a potential migration crisis became evident in 2014, when we received more than 3,000 Haitians who were living in Venezuela. According to their reports, that country was no longer the same; it was going through a major political-economic crisis which made the life for immigrants impossible. The Haitian immigrants, therefore, were the first to perceive the signs of the economic crisis which would affect Venezuela.

In this scenario, in 2015, the Pastoral Center for Migrants of the Remedios Church, in Manaus, coordinated by the Scalabrinian Missionary Sisters, assisted more than 815 Venezuelan families, a figure which raised concerns. To respond to emerging needs, I was invited, in April 2015, by a team of the Pastoral Care of Migrants of Boa Vista/Roraima and by Bishop Dom Roque Palosqui, to a meeting to raise awareness on the issue of migration. The fact is that there were already several Cubans, international students, and numerous Venezuelan families there.

In the light of the Scalabrinian spirituality which inspires my missionary life, I can say that this was one of the first signs of the action of the Spirit of God, planting the seeds of the Scalabrinian mission in Roraima, and watering it with his abundant grace. In the second half of 2015, there was a large flow of indigenous Waraos immigrants in Boa Vista/Roraima, and the growing number of these immigrants on the streets of Boa Vista started to attract the attention of the local population and the national media.

And so, year after year, the influx of the Venezuelan immigrants into Roraima grew out of control, despite the Brazilian government's attempts to expel or prevent the irregular entry of Venezuelan immigrants. The number of Venezuelans fleeing to Brazil started to be uncontrollable and the only shelter in Roraima, with space to accommodate 300 people, was not enough to meet such a demand.

Among many comings and goings to Roraima, in front of the cry of migrants and the appeal of the local Church, the Congregation of the Missionary Sisters of Saint Charles Borromeo, Scalabrinianas felt the urgency to provide a more effective response to this emergency situation of migrations, expanding its tent among immigrants to promote the defense of their rights and dignity; being migrants with migrants, through the opening of Centers of welcoming and care, and countless formation activities for the local community, which also suffered from the consequences of this migration crisis, besides a tireless work in view of the protection, promotion and integration of the immigrants in the Brazilian territory.

“Roraima Center”

We arrived in Boa Vista in February 2018 as itinerant missionaries. Like the three disciples who followed the Master in the event of the transfiguration, we hoped to know more deeply the reasons why the Lord had chosen us and led us to that sacred place, where the transfigured face of migrants revealed the real humanity of Christ crucified in the poor and marginalized. We experienced the generous and warm hospitality of the local Bishop, Dom Mário Antônio, and pitched our tent at Casa Betânia, a house where religious Sisters could be accommodated.

In this theological place we became aware of the migration reality in Boa Vista and we were touched by the same feelings of compassion experienced by Blessed John Baptist Scalabrini in Milan Station.

“Quite a few years ago, in Milan, I witnessed a scene that left me with profound sadness. As I walked through the station, I saw the vast waiting room, the side porticoes and the adjacent piazza filled with three or four hundred poorly clad people, separated into different groups. In their faces, bronzed by the sun, furrowed by the premature wrinkles of deprivation, reflected the inner turmoil convulsing their hearts at that moment. There were old men bent with age and labor, young men in the prime of manhood, women pulling along or carrying their little ones, boys and girls, all drawn together by the same desire, all heading toward a common goal. They were emigrants!” (J.B. Scalabrini, *A Living Voice*, 375)

Also, in Roraima I have seen several squares full of immigrants in an extremely precarious situation, with their faces transfigured by the experiences they had to endure. In Simão Bolívar square, where the exits to Manaus, Guyana and Venezuela are interconnected, more than 1,500 immigrants were camped.

Every day we set out to meet these migrants and listen to them, in an attitude of welcome, closeness and solidarity. The countless stories of life marked by forced migration and the hope of starting again were unspeakable. With a group of volunteers, we started to count the migrants who were settled in the square. In a notebook we registered 1,523 people, including men, women and children.

In my personal and daily contact with immigrants, I strongly experienced the Word of God: “*I have witnessed the affliction of my people, I have heard the cry of my people and I have come down to be with them*” (cf. Ex 3:7-10). I lack words to describe what my eyes could see, my ears could hear and my hands could touch. Hungry children, for days without eating and even without taking a bath, an

immense sadness! Each day the number of people in the squares and streets increased, sleeping without a safe roof, eating what people offered them. Each time we returned home from the squares, we reflected: what can we do? Where to start our pastoral care for migrants, since the Bishop had given us “carte blanche”?

For two months I could not sleep and eat, when thinking of the suffering endured by those lives which wandered along the streets and squares without knowing where to go and without having a place where to return. In my heart, however, I held on to the hope and confidence that God always gives us a mission that we can accomplish. Motivated by this hope, some ideas emerged to map the groups which served food, the institutions which were already working with immigrants and refugees, to find out what the most urgent needs were and to know how to meet them.

In our pastoral activity, we tried to sensitize the Catholic communities by asking them where the immigrants and refugees were in their communities. These questions generated surprising responses, and many empathic contributions from community leaders emerged. Together with the Consolata Parish and the group “Mexendo a Panela” (“Stirring the Pot”), which prepared more than 1,000 daily meals, in addition to food distribution, we started registering women with children from 0 to 5 years old. We registered more than 700 women, to whom we donated diapers and milk and offered our empathy to share their pain, suffering and hopes. It was a mixture of feelings: joy, because we could meet the basic urgent needs of those immigrant people; but we also felt powerless, because we had no immediate solution to their need of a shelter; so while we could return to our homes, the immigrants, that is, children, adults, whole families, remained crowded in the streets and squares of the city.

However, God is always surprising and at the hottest hour of the day visits us with his goodness and gives us his grace (Gen 18:1-10). Faced with the reality of migrants, the Catholic Church of Brazil, in the light of Pope Francis’ teaching, initiated a campaign to integrate the migrants, promoting hospitality in the dioceses and parishes of Brazil. Afterwards, the Brazilian government also responded through the ‘Operação Acolhida’ (Welcome Operation), an action promoted by the federal government with a whole infrastructure of border management, shelter and integration of migrants.

Enlarging the tent

Every day we enlarged our tent, responding to the needs of migrants with emergency actions, through the grace of God, who loves migrants and walks with them, and does not abandon them to their needs, and we continued to work tirelessly and confident in Providence:

“For the Lord, your God, is the God of gods, the Lord of lords, the great God, mighty and awesome, who has no favorites, accepts no bribes; who executes justice for the orphan and the widow, and befriends the alien, feeding and clothing him. So you too must befriend the alien, for you were once aliens yourselves in the land of Egypt” (Dt 10:17-19).

Love for migrants was our identity, from afar we were recognized by mothers, children and everyone who wanted to talk and share their stories.

We were not lacking in initiatives and collaborators. In the Pastoral Care for Migrants in Roraima we began to organize initiatives aiming to teach the Portuguese language, to learn about the required documentation, to celebrate the Eucharistic celebration in Spanish, to support pregnant women and to organize teams for the pastoral care of migrants in parishes and mission areas. In partnership with UFRR-Federal University of Roraima, through the ‘Português para Acolhimento’ (Portuguese for Welcoming) project, we conducted 57 classes in almost all municipalities in Roraima; the majority in Catholic communities with volunteer teachers, and more than 1,710 immigrants completed the basic Portuguese language course.

Together with “Doctors Without Borders”, we organized activities for eight and nine months pregnant migrant women, mothers of newborn babies, in order to teach them the importance of self-care and breastfeeding and offering them a self-care kit. Numerous women were assisted by this initiative.

As animator of the Pastoral Care for Migrants, in 2018, I visited all the municipalities of Roraima, forming teams of Pastoral Care for Migrants. For several days we took care of the documents and regularization of the legal situation of migrants present in the 15 municipalities of Roraima. We were able to transport 15,687 immigrants, who lived without documents and were dispersed throughout the municipalities of Roraima, to the Federal Police headquarters, in Boa Vista, to submit their documents. In Boa Vista, in particular, we issued an average of 220 documents per week before the pandemic. Furthermore, in the animation of the Pastoral care for migrants, we encouraged priests and pastoral agents to carry out a permanent register of migrant families in the parishes and mission areas of Roraima and its municipalities.

Since we do not yet have a data collection system, we go from door to door, from migrant to migrant, doing everything in a very simple and manual way, in order to enable our migrant brothers and sisters to get out of invisibility and anonymity, trying to overcome the culture of indifference and reject with gestures of solidarity, sharing, acceptance, listening and participative communion. In this way I translate into action and try to incarnate in my daily life, the typical elements of the *Traditio Scalabriniana*: welcoming, itinerancy and communion in diversity (cf. Base text, *Traditio Scalabriniana*, 4), so that humanity becomes a place of encounter and fraternity, where nobody is excluded and everyone is called by name.

In my mission, in the formation of new pastoral agents, and in contact with Church authorities, I always affirm that migrants are gifts, “hidden and providential builders of universal brotherhood”. They are a “source of enrichment” for Christian society and community, “prophecy” and “sacrament of catholicity” (cf. Base text, *Traditio Scalabriniana*, 5). More than ever, I am convinced of the evangelizing power of hospitality.

The Pastoral Care for Migrants assists a huge number of migrant families. In all the municipalities we reach the migrants first, we open paths and then other institutions, such as Caritas Diocesana, UNHCR, IOM, use our structure to offer them support. Certainly, we look at migrants in an integral way, because the bread for the body is not enough, if they lack the bread for the soul, which is no less necessary than the first, so that they do not lose themselves in a material life, which threatens their dignity of being divine image and likeness (cf. J.B. Scalabrini, *A Living Voice*, 376).

Present and future dreams

Together with migrants, we carry out our mission in constant itinerancy, facing with creativity the unpredictable and the precariousness of means and resources, counting on the support of Christian leaders, civil and governmental entities and NGOs. In this period, our action was also affected by the Covid - 19 pandemic, but we look forward to continuing with the formation of leaders to strengthen the Pastoral Care for Migrants in the Diocese of Roraima.

Many are our dreams and visions. We would like to start a Pastoral Care for Migrants communication service through radio programs and social networks to publicize initiatives, invite volunteers, encourage solidarity and promote social initiatives. However, we lack resources, we do not have access to social networks, nor do we have the necessary means to get started. We dream of a more qualified data collection system, while we continue with the means we have at our disposal. We dream of computer equipment for municipalities, so that we can expand our mission by crossing up-to-date data regarding the situation, concentration and displacement of immigrants and refugees, to better serve them in their material and spiritual needs.

For me, in particular, the mission at the border is a school, in which the migrants become our greatest teachers in resilience, courage and love for life. There is an enormous richness in the midst of these borders which daily witness the growing migratory flow of Venezuelans and Haitians, who enter Brazil through the border of the Republic of Guyana.

I cannot deny that the demands of the mission consume my physical strength, it is very hard to see so many people in need. The face of Christ, the incarnated Word and crucified in the pain and suffering of migrants, does not allow me to get discouraged. For this reason, I am really happy to be able to help, even in a simple way, in the emergency actions of welcoming, integration of immigrants and formation of leaders.

When I realize that I am too focused on the many unsolvable problems, I return to myself and resume my journey as a simple instrument of God, a sign of hope, of an integral and profound welcome, because the bread for the body is not enough, but the bread for the soul is indispensable, as Blessed John Baptist Scalabrini said.

The mission with immigrants and refugees transforms us. For this, I learn, every day, that we need to be more and more human and courageous, following the example of Jesus, Pilgrim of Emmaus.

The migrants become the hidden and providential builders of universal brotherhood. Together with them, we too look for new heavens and a new earth...

Traditio Scalabriniana, Base Text, 5

ITINERANZA, UNA DIMENSIONE FONDAMENTALE DELLA VITA CRISTIANA

Anna Fumagalli, mss

Parlare di itineranza come dimensione fondamentale della vita cristiana esige prima di tutto di riconoscere con gratitudine il grande debito che la nostra fede ha nei confronti della tradizione ebraica. E ci si potrebbe fermare qui perché, come vedremo, abbiamo in questo modo anticipato una delle principali caratteristiche dell'itineranza cristiana. Procediamo però con ordine¹.

Una dimensione fondamentale

Basta percorrere alcune voci del *Dizionario socio-pastorale* nato in seno al SIMI (Scalabrini International Migration Institute) – come «Nuovo Testamento», «Chiesa pellegrina», «Diaspora», «Patria/Cittadinanza», «Pellegrinaggio», «Pellegrinaggio nella Bibbia» – per renderci conto che siamo di fronte ad un tema importante nella riflessione teologica cristiana². Sempre in ambiente scalabriniano ma nel campo della teologia spirituale rimane fondamentale lo studio di Analita Candaten dal significativo titolo *Povo a caminho. Uma espiritualidade que gera esperança*³.

Che la vita umana sia un cammino⁴ e che l'itineranza sia il simbolo più eloquente della condizione del credente⁵ in quanto «*homo viator*, uomo in cammino verso la fonte di ogni bene e verso il suo compimento»⁶ sono infatti convinzioni diffuse, su cui già si è scritto e detto molto.

E non solo convinzioni condivise, ma vissute e testimoniate senza riserve nella vita della Chiesa di ieri e di oggi. *La fede è partenza*: sono le parole di un testimone del nostro tempo, don Andrea Santoro (Priverno, 1945 – Trabzon, 2006), parole sigillate con il dono della vita. Queste stesse parole le ho potute riascoltare spesso in questi anni incontrando, specialmente in Germania, giovani cristiani fuggiti dall'Iraq.

Lungo i secoli la teologia come anche il vissuto cristiano hanno più volte perso di vista la centralità di tale dimensione, ma mai sono mancate alla Chiesa esperienze di vita che hanno tenuto viva la consapevolezza che credere è fondamentalmente un essere in cammino. In modo speciale l'esperienza propria del monachesimo⁷ e in generale della vita consacrata nel suo significato escatologico hanno contribuito a tenere viva nella storia del cristianesimo la vocazione itinerante del credente.

¹ Alla base di questo approfondimento c'è l'intervento preparato in occasione dell'Atto Accademico promosso dal SIMI il 28 novembre 2014.

² Graziano Battistella, a cura di, *Migrazioni. Dizionario socio-pastorale*, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2010. Si vedano anche diversi contributi pubblicati in questa collana di sussidi alla *Traditio* Scalabriniana.

³ Analita Candaten, *Povo a caminho. Uma espiritualidade que gera esperança*, Lorigraf, Caxias do Sul (RS Brasil) 2007².

⁴ «La vita umana è un cammino. La vita è come un viaggio sul mare della storia» (*Spe salvi*, 49): con questa citazione di Benedetto XVI si apre la voce «Pellegrinaggio» nel suddetto dizionario (cfr. Carlo Mazza, «Pellegrinaggio», in Graziano Battistella, a cura di, *Migrazioni*, 821-827).

⁵ Cfr. Gabriele Bentoglio, «Nuovo Testamento», in Graziano Battistella, a cura di, *Migrazioni*, 712.

⁶ Così Giovanni Paolo II in un suo discorso del 28 febbraio 1992 in occasione del I Congresso mondiale della pastorale dei Santuari e dei Pellegrinaggi, citato in Carlo Mazza, «Pellegrinaggio», in Graziano Battistella, a cura di, *Migrazioni*, 823.

⁷ Si può vedere il quadro sintetico tracciato nel saggio di Luciano Manicardi, *I cristiani stranieri e pellegrini*, Ed. Qiqajon, Bose 1997, 11-15.

Grazie al Concilio Vaticano II, come sappiamo, la Chiesa ha riscoperto l'itineranza come sua dimensione costitutiva: la Chiesa è *chiesa pellegrina* e ciò la caratterizza sia in quanto *mistero di comunione*, sia in quanto *sacramento*, come in quanto *popolo di Dio*⁸.

Il cammino dei migranti, segno della vocazione dell'umanità

In particolare, di fronte all'attualità e complessità del fenomeno migratorio si è fatta strada nella Chiesa in questi anni l'esigenza di una lettura di fede capace di riconoscere nel cammino dei migranti – pur segnato da gravi ingiustizie che vanno denunciate e combattute – il segno vivo della vocazione dell'umanità, chiamata a camminare fino a diventare un'unica famiglia di popoli diversi.

In questo senso è particolarmente significativa, anche se non priva di limiti, la prima parte dell'istruzione *Erga migrantes caritas Christi* presentata nel maggio 2004 dall'allora Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. Tale prima parte segna infatti un passo nuovo rispetto ai precedenti documenti: «Lo spazio riservato al fondamento biblico e l'esposizione del dato scritturistico, in qualche misura sistematica, sono elementi innovativi di questo pronunciamento del Pontificio Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti (EMCC, 2004), rispetto ai precedenti documenti del Magistero»⁹. In particolare, ai numeri 17-18 viene in risalto il legame tra il cammino dei migranti e la dimensione escatologica dell'esistenza umana. Dopo aver richiamato la visione biblica del futuro attraverso il riferimento a Is 2,2 («Alla fine dei giorni il monte del tempio del Signore sarà elevato sulla cima dei monti ... ad esso affluiranno tutte le genti»), Lc 13,29 («Verranno da oriente e da occidente, da settentrione e da mezzogiorno e siederanno a mensa nel regno di Dio») e Ap 7,9 («una moltitudine immensa ... di ogni nazione, razza, popolo e lingua»)¹⁰, il documento sottolinea: «La Chiesa è ora in faticoso cammino verso tale meta finale, e di questa moltitudine le migrazioni possono essere come un richiamo e una prefigurazione dell'incontro ultimo di tutta l'umanità con Dio e in Dio» (EMCC 17). E aggiunge: «Il cammino dei migranti può diventare così segno vivo di una vocazione eterna, impulso continuo a quella speranza che, additando un futuro oltre il mondo presente, ne sollecita la trasformazione nella carità e il superamento escatologico» (EMCC 18).

Nelle diverse chiese locali oggi sta crescendo la consapevolezza che la strada per intervenire con lungimiranza ed efficacia è proprio quella di una lettura di fede del fenomeno migratorio nei suoi molteplici aspetti. Approfondendo il pensiero e l'azione di Giovanni Battista Scalabrini, padre e apostolo dei migranti, se ne può ricevere una preziosa conferma. Colpisce la vastità del suo intervenire a favore dell'assistenza dei migranti senza mai cadere nell'assistenzialismo, come anche la puntualità del suo denunciare le ingiustizie legate all'emigrazione senza mai assumere toni amari. Il segreto di tutto questo è la sua profonda visione di fede:

Il realismo della fede, che in ogni situazione ritmava i suoi passi, dava al vescovo Scalabrini la certezza che anche i cocci rotti degli errori dell'uomo e dei mali del mondo, in mano all'Artista, possono diventare qualcosa di ben più grande di quello che da noi stessi possiamo immaginare. Infatti, mentre denunciava con forza i soprusi e gli sfruttamenti di cui erano vittime gli emigranti italiani, aveva negli occhi e nel cuore la

⁸ Cfr. Sandra Mazzolini, «Chiesa pellegrina», in Graziano Battistella, a cura di, *Migrazioni*, 146.

⁹ Così Gabriele Bentoglio, «Mio padre era un arameo errante...». *Temî di Teologia Biblica sulla mobilità umana*, Quaderni SIMI 4, Urbaniana University Press, Città del Vaticano 2006, 227. In questo contributo l'autore fa notare anche i limiti presenti nella prima parte dell'istruzione.

¹⁰ La versione italiana della Bibbia cui l'istruzione si riferisce è naturalmente quella precedente all'attuale versione ufficiale del 2008.

visione profetica dei grandi disegni di Dio, che si stanno compiendo non senza innumerevoli e tanto differenti collaboratori, come lui stesso affermava...¹¹

La riflessione teologica ha accompagnato e accompagna a diversi livelli la crescita della nuova sensibilità ecclesiale che l'istruzione *EMCC* ci testimonia: per esempio in ambito teologico-pastorale, nella missiologia, negli studi biblici, come anche nella riflessione metodologica sui *loci theologici*¹². È un percorso importante che ci permette di cambiare l'ottica e riconoscere nel migrante qualcuno con una missione: quella di ricordare ad ogni uomo la sua vocazione itinerante.

Chiesa in uscita è la significativa cifra sintetica del programma proposto da Papa Francesco, nel primo anno del suo pontificato, alla Chiesa intera con l'Esortazione apostolica *Evangelii Gaudium*. Come non riconoscere dietro a questa espressione programmatica lo spessore del *vissuto* di Papa Francesco che in questi anni si è così concretamente lasciato interpellare dalla realtà dei migranti e rifugiati riconoscendo nella loro vicenda un *segno dei tempi*?¹³

Il punto di partenza dell'itineranza cristiana

Un aspetto che non sempre viene in risalto e sul quale, dunque, mi sembra importante portare l'attenzione è la riflessione sul punto di partenza dell'itineranza così come la concepisce la fede cristiana. Ecco la domanda: se la fede è partenza e se vivere è camminare, qual è però per il credente il punto di partenza del cammino? Nella sua opera *Verbum caro* il teologo Hans Urs von Balthasar (Luzern, 1905 – Basel, 1988) sottolinea che la vita cristiana

può essere soltanto una vita scaturita dalla pienezza e quindi un'esistenza di gratitudine: eucaristia. [...] Così il cristiano ha bisogno solo di lasciarsi guidare dal dato di fatto che la vita e l'amore eterni gli sono stati donati nella fede [...]. Pertanto, non ci sono nemmeno «gradi di sviluppo» della vita cristiana nel senso degli schemi di asceti caratteristici delle altre religioni, ma propriamente solo gradi del dispiegarsi della vita di grazia in noi, un fare spazio sempre più totale liberandoci da tutto quanto ancora ingombra il terreno della grazia. Il cristiano deve e può prendere l'avvio sempre dalla pienezza già data [...]. Nella sfera cristiana ogni rifiuto di prendere le mosse dalla pienezza è una forma di incredulità.¹⁴

Nella fede, dunque, si cammina, si cresce..., ma come? Non dall'indigenza alla pienezza – sarebbe incredulità, cioè contraddirebbe la fede – ma viceversa: dal *già* al *non ancora*. Con il battesimo è fatto al credente il dono di partecipare alla vita divina, un dono che ha bisogno di crescere nel tempo. La necessità del cammino, della crescita, però, non dice l'incompiutezza del dono, ma il *non*

¹¹ Maria Grazia Luise, «G.B. Scalabrini, uomo di comunione», *Traditio Scalabriniana. Approfondimenti, testimonianze, meditazioni*, n. 3, giugno 2006, 5.

¹² Riguardo alla ricerca sulla realtà migratoria come vero e proprio *locus teologicus* si può vedere la sintesi di Gioacchino Campese, «Teologia delle Migrazioni», in Graziano Battistella, a cura di, *Migrazioni*, 1016-1027. L'autore fa notare come il primo congresso latino-americano sulla teologia delle migrazioni, tenutosi a São Paulo nel 2006, abbia significativamente avuto come titolo: «Migrações: um novo lugar teológico?» (2006). Più recentemente l'Istituto «Weltkirche und Mission» di Francoforte ha dedicato proprio a questa questione una giornata di studio ed una pubblicazione: Tobias Kessler, a cura di, *Migration als Ort der Theologie*, Verlag Friedrich Pustet, Regensburg 2014. Tra i contributi più significativi vanno segnalati quelli di Regina Pollak, «Migration als Ort der Theologie», 87-114 e di Hans Joachim Sander, «Menschen im Versteck», 189-207.

¹³ Si veda la raccolta degli insegnamenti di Papa Francesco sulla cura pastorale di migranti, rifugiati e vittime della tratta di esseri umani, messa a disposizione e regolarmente aggiornata nel sito della Sezione Migranti e Rifugiati, una sezione speciale da lui voluta al momento dell'istituzione del nuovo Dicastero per il Servizio dello Sviluppo Umano Integrale e posta sotto la sua diretta guida.

¹⁴ Hans Urs von Balthasar, *Verbum caro. Skizzen zur Theologie I*, Johannes Verlag, Einsiedeln 1960, 1990³, 179-180 (la traduzione è nostra).

ancora della nostra risposta, della nostra libertà, che nel tempo deve decidere di sé nei confronti del dono ricevuto.

Tra i testi del Nuovo Testamento che in genere si citano quando si tratta di itineranza – come Eb 11,13-14; 1Pt 2,11; Fil 3,20¹⁵ – è particolarmente significativo 1Pt 1,1-2 per la presenza di una strana combinazione di termini che, se considerati nel contesto dell'intera lettera, rivela tutta la sua importanza: «Pietro, apostolo di Gesù Cristo, *ai fedeli che vivono come stranieri, dispersi nel Ponto, nella Galazia, nella Cappadocia, nell'Asia e nella Bitinia, scelti* secondo il piano stabilito da Dio Padre, mediante lo Spirito che santifica, per obbedire a Gesù Cristo e per essere aspersi dal suo sangue: a voi grazia e pace in abbondanza».

I due termini fondamentali di questo saluto iniziale, posti uno vicino all'altro – *ekletois parepidemois*, letteralmente *agli eletti stranieri*¹⁶ – esprimono efficacemente la tensione positiva che caratterizza la vita cristiana.

Gli *eletti stranieri*: così dunque la Prima lettera di Pietro si riferisce ai cristiani, caratterizzati allo stesso tempo dalla elezione e dalla estraneità. Elezione dice la chiamata gratuita di Dio, il dono di poter partecipare alla sua vita, di appartenergli¹⁷. Al primo posto dunque sta la consapevolezza del dono ricevuto. Segue poi l'esperienza della precarietà e dello sradicamento in cui la comunità cristiana vive. È proprio partendo dal dono che il credente può attraversare ogni situazione¹⁸.

Queste sintetiche provocazioni dicono che vale la pena approfondire la questione del punto di partenza, un aspetto che pare fondamentale quando si tratta di itineranza secondo la fede cristiana. D'altra parte, la concezione cristiana dell'itineranza non potrebbe essere altra, perché si riferisce essenzialmente alla persona di Gesù e alla sua stessa itineranza.

Non è superfluo a questo punto richiamare che al centro della fede cristiana non è una dottrina, una *Weltanschauung*, una morale, una cultura... ma una persona: Gesù di Nazareth, «un certo Gesù, morto, che Paolo sosteneva essere vivo» – così il governatore Festo in Atti 25,19 – il Figlio di Dio fatto uomo, crocifisso e risorto. La vita cristiana è fondamentalmente vita *con* Gesù, piena condivisione con lui, cioè vita di figli *nel* Figlio, partecipazione alla sua stessa relazione filiale con il Padre.

Questo Gesù, il Figlio eterno del Padre, è l'*itinerante* per eccellenza¹⁹. Il Nuovo Testamento lo esprime in maniera molto incisiva, per esempio, con le parole che troviamo all'inizio del Vangelo

¹⁵ A questo proposito si può vedere, anche se molto breve, Anna Fumagalli, «Patria/Cittadinanza», in Graziano Battistella, a cura di, *Migrazioni*, 819-821.

¹⁶ Nel suo già citato saggio, Luciano Manicardi traduce così: «“agli eletti che soggiornano in modo precario [o: “che sono di passaggio”] nella diaspora...”» (9). Gabriele Bentoglio, *Stranieri e pellegrini. Icone bibliche per una pedagogia dell'incontro*, Paoline Ed., Milano 2007, 257, sintetizza così il problema di critica testuale e le conseguenze per il significato: «C'è anche un problema di critica testuale: il codice sinaitico aggiunge *kai* (cioè la congiunzione “e”) tra *ekletois* e *parepidemois diasporas* (e si avrebbe dunque “eletti e stranieri della diaspora”). Perché? Si tratta di una facilitazione del testo. Infatti, se ci fosse la congiunzione verrebbero indicati nella totalità gli eletti e pellegrini ebrei diventati cristiani; se, invece, non c'è la particella congiuntiva, allora il riferimento è al cristiano in generale, o meglio a tutti i cristiani in quanto hanno la caratteristica nello stesso tempo dell'elezione e della estraneità...».

¹⁷ Sottolinea Gabriele Bentoglio, *Stranieri e pellegrini*, 258: «L'elezione, del resto, è un tema ricorrente della lettera».

¹⁸ Cfr. anche Gilberto Marconi, *Omellerie e catechesi cristiane nel I secolo*, EDB, Bologna 1994, 114-115. Per un approfondimento si veda il contributo di Elena Bosetti, «I cristiani come stranieri nella Prima lettera di Pietro», *Ricerche storico-bibliche*, (VIII) 1-2, 1996, 317-334.

¹⁹ Significativamente lo stesso von Balthasar nella sua opera *Teologia dei tre giorni* (che ha alla base il contributo dell'autore sul mistero pasquale nel grande dizionario di dogmatica *Mysterium salutis*) considera i tre giorni del

secondo Giovanni: «E il Verbo si fece carne» (Gv 1,14) o nelle lettere di Paolo: «da ricco che era, si è fatto povero per voi, perché voi diventaste ricchi per mezzo della sua povertà» (2Cor 8,9), «essendo nella condizione di Dio, non ritenne un privilegio l'essere come Dio, ma svuotò se stesso...» (Fil 2,6-7), o nei vangeli sinottici: «Il Figlio dell'uomo non ha dove posare il capo» (Mt 8,20; Lc 9,58).

Non c'è dubbio che il punto di partenza della sua itineranza sia la pienezza, cioè la sua relazione con il Padre. Ma c'è di più: in questa relazione egli continua ad abitare in ogni momento della sua missione. Infatti, l'itineranza di Gesù è niente di più e niente di meno che la sua obbedienza al Padre: «sono disceso dal cielo non per fare la mia volontà, ma la volontà di colui che mi ha mandato» (Gv 6,38), «non faccio nulla da me stesso, ma parlo come il Padre mi ha insegnato» (Gv 8,28). Ed è proprio attraverso questa sua *obbediente itineranza* che egli continua a vivere – e a rivelarci – la sua più profonda identità di Figlio da sempre *rivolto al Padre* (cfr. Gv 1,1)²⁰. Quella del Figlio, dunque, è una vita *tutta in uscita* e allo stesso tempo *profondamente a casa*²¹.

Proprio in quanto Figlio, Gesù è l'uomo autentico, in cui si è realizzato pienamente il progetto di Dio per l'umanità. Conosciamo l'affermazione fondamentale del n. 22 di *Gaudium et spes*, che incomincia così: «*In realtà solamente nel mistero del Verbo incarnato trova vera luce il mistero dell'uomo*». Guardando al Figlio, dunque, e alla sua obbediente itineranza possiamo riconoscere il senso più profondo non solo della nostra vita di credenti, ma del cammino di ogni uomo e dell'umanità intera.

Come Gesù anche i discepoli di Gesù sono chiamati a vivere e testimoniare una feconda tensione: *sempre in cammino*, vincendo la tentazione di identificare l'una o l'altra terra con la vera patria, l'una o l'altra tappa con la meta..., e allo stesso tempo *profondamente a casa*, lasciandosi portare dallo Spirito Santo dentro la stessa relazione di Gesù con il Padre.

E se il punto di partenza è una pienezza, già lungo il cammino – mentre cresce la nostra risposta libera al dono ricevuto – sarà possibile sperimentare sorprendenti anticipi e scoprire sempre di nuovo che la meta stessa è una persona che *già cammina con noi*²².

mistero pasquale, cioè il mistero della *kenosi* del Figlio, come un *cammino*: cammino verso la croce, il Venerdì santo, cammino verso i morti, il Sabato santo, cammino verso il Padre, a Pasqua (cfr. Hans Urs von Balthasar, *Teologia dei tre giorni*, BTC 61, Ed. Queriniana, Brescia 1971, 1990, 2011⁸ (orig. 1969, 1990).

²⁰ «L'obbedienza dell'uomo Gesù è la trascrizione storica della sua condizione di Figlio, la riproduzione fra noi di quell'atteggiamento di "rivolto al Padre" che egli vive da sempre in seno alla Trinità» (Bruno Maggioni, *Dio nessuno l'ha mai visto*, Ed. Vita e Pensiero, Milano 2011, 19).

²¹ Nel suo *Messaggio per la Quaresima 2014* Papa Francesco ha così commentato l'espressione paradossale di 2Cor 8,9: «Ci colpisce che l'Apostolo dica che siamo stati liberati non per mezzo della ricchezza di Cristo, ma *per mezzo della sua povertà*. Eppure, san Paolo conosce bene le "impenetrabili ricchezze di Cristo" (Ef 3,8), "erede di tutte le cose" (Eb 1,2). Che cos'è allora questa povertà con cui Gesù ci libera e ci rende ricchi? [...] Non si tratta di un gioco di parole, di un'espressione ad effetto. [...] La povertà di Cristo che ci arricchisce è il suo farsi carne, il suo prendere su di sé le nostre debolezze, i nostri peccati, comunicandoci la misericordia infinita di Dio. La povertà di Cristo è la più grande ricchezza: Gesù è ricco della sua sconfinata fiducia in Dio Padre, dell'affidarsi a Lui in ogni momento, cercando sempre e solo la sua volontà e la sua gloria. È ricco come lo è un bambino che si sente amato e ama i suoi genitori e non dubita un istante del loro amore e della loro tenerezza. La ricchezza di Gesù è il suo essere *il Figlio* [...]».

²² Una *compiutezza incompiuta* caratterizza con modalità diverse Antico e Nuovo Testamento insieme. Il documento della Pontificia Commissione Biblica, *Il popolo ebraico e le sue Sacre Scritture nella Bibbia cristiana*, 2001, sottolinea al n. 21: «Ciò che è già compiuto in Cristo deve ancora compiersi in noi e nel mondo. Il compimento definitivo sarà quello della fine, con la risurrezione dei morti, i cieli nuovi e la terra nuova. L'attesa messianica ebraica non è vana. Essa può diventare per noi cristiani un forte stimolo a mantenere viva la dimensione escatologica

La fede cristiana, dunque, mette in campo un netto capovolgimento: non dall'indigenza alla pienezza, ma dalla pienezza alla pienezza. Un capovolgimento che non riguarda solo l'uomo, ma Dio stesso: prima di tutto, infatti, non c'è il cammino dell'uomo verso Dio, ma il cammino di Dio verso l'uomo.

Le relazioni lungo il cammino

Quando diciamo *homo viator*, pensiamo in primo luogo ad una dimensione che tocca principalmente la persona in rapporto alla sua meta. Non meno importanti però sono le *ripercussioni* che la dimensione dell'itineranza ha sulle *relazioni* che la persona intrattiene lungo il cammino.

Lo aveva sintetizzato molto bene l'allora Vescovo di Basilea, Kurt Koch, ora cardinale alla guida del Pontificio Consiglio per la Promozione dell'Unità dei Cristiani, nel suo intervento presentato in occasione del IV Congresso Mondiale sull'Emigrazione:

La storia della Chiesa mostra che là dove l'autocomprensione escatologica dei cristiani – cioè la consapevolezza di vivere in questo mondo come ospiti e forestieri – era viva, anche la prassi dell'ospitalità era credibile e che, al contrario, dove questa autocomprensione escatologica era scomparsa dalla loro coscienza, anche la prassi dell'ospitalità non veniva più vissuta, poiché aveva perduto le proprie radici spirituali.²³

In effetti, là dove l'uomo non si riconosce pellegrino, gli risulta difficile riconoscere nell'altro un compagno di viaggio, condividere con lui quel poco o molto che possiede, stabilire relazioni di reciprocità, dove *ciascuno* ha qualcosa da dare e da ricevere. La posizione di chi *gioca in casa* è innegabilmente una posizione di vantaggio, una posizione di forza, dall'alto della quale ci si può permettere di guardare l'altro con una certa superiorità.

Al contrario – come mirabilmente ha sintetizzato l'autore cristiano anonimo cui dobbiamo il noto scritto *A Diogneto* – coloro che «abitano nella propria patria, ma come stranieri» e dunque non possono contare su altre sicurezze che sulla fiducia nel Padre, imparano ad «amare tutti», come dice lo stesso scritto poche righe dopo²⁴.

A questo punto andiamo ancora una volta al Nuovo Testamento per lasciarci provocare dalle parole che troviamo in Ef 2,19, parole che stanno in apparente contrasto con il sin qui detto: «Così dunque voi non siete più stranieri né ospiti, ma siete concittadini dei santi e familiari di Dio»²⁵. Direttamente interpellati sono coloro che un tempo erano esclusi dalla «cittadinanza di Israele», coloro che un tempo erano i «lontani». Paolo sta toccando il delicato rapporto tra giudei e non-giudei e dunque sta parlando di quella che rappresentava allora non semplicemente una diversità tra altre, ma una distanza abissale. Si tratta dunque della possibilità di relazioni fraterne là dove sembravano impensabili.

Paolo può arrivare a questa conclusione – «Così *dunque* voi non siete più stranieri né ospiti, ma...» – non perché è particolarmente buono o generoso, ma perché prende sul serio la situazione nuova,

della nostra fede. Anche noi, come loro, viviamo nell'attesa. La differenza sta nel fatto che per noi Colui che verrà avrà i tratti di quel Gesù che è già venuto ed è già presente e attivo tra noi».

²³ Kurt Koch, «L'accettazione dello straniero come un segno di una cultura: dall'ostilità all'ospitalità», Supplemento a *Sulle strade dell'esodo*, 9, 1998, 14-15.

²⁴ A questo proposito si possono vedere i due contributi di Clara Burini, «Dall'amore reciproco all'amore verso l'altro», *Parola, Spirito e vita* 27, 1993, 265-277 e Id., «Ma come pellegrini», *Parola, Spirito e vita* 28, 1993, 269-281.

²⁵ Cfr. Gabriele Bentoglio, *Stranieri e pellegrini*, 252-256 come anche Anna Fumagalli, «Patria/cittadinanza», 820.

divenuta possibile grazie alla vicenda di Gesù: «Per mezzo di lui infatti possiamo presentarci, gli uni e gli altri, al Padre in un solo Spirito» (Ef 2,18).

Ancora una volta viene in risalto il dono. Come abbiamo visto, è la consapevolezza del dono ricevuto che porta il cristiano a camminare, così da poter arrivare alla meta anche con la pienezza della sua risposta. Ed è questa stessa consapevolezza – che in parole semplici si potrebbe esprimere anche così: «Se è un dono, è per tutti!» – che gli permette, lungo il cammino, di riconoscere in ogni altro, anche il più estraneo, un compagno di viaggio.

*...per aprirci insieme all'incontro con il Figlio,
migrante e missionario del Padre, morto e risorto per tutti.
Traditio Scalabriniana, Testo base, 4*

ITINERANCY, A FUNDAMENTAL DIMENSION OF CHRISTIAN LIVING

Anna Fumagalli, *mss*

To speak of itinerancy as a fundamental dimension of Christian living demands first of all that we recognize with gratitude the great debt that our faith owes to the Jewish tradition. And we could stop here because, as we shall see, we have in this way anticipated one of the main characteristics of Christian itinerancy. But let us proceed with order²⁶.

A fundamental dimension

We only need to go through some entries of the socio-pastoral dictionary published by SIMI (*Scalabrini International Migration Institute*) - such as "New Testament", "Pilgrim Church", "Diaspora", "Homeland/Citizenship", "Pilgrimage", "Pilgrimage in the Bible" - to realize that we are facing an important theme in Christian theological reflection²⁷. Still in the Scalabrinian environment but in the field of spiritual theology, the study of Analita Candaten with the significant title *Povo a caminho. Uma espiritualidade que gera esperança*²⁸ remains fundamental.

That human life is a journey²⁹ and that itinerancy is the most eloquent symbol of the condition of the Christian³⁰ as "*homo viator*, man on the way to the source of all good and towards fulfilment"³¹ are in fact widespread convictions, on which much has already been written and said.

And not just shared convictions, but lived and witnessed without reserve in the life of the Church yesterday and today. *Believing means setting out*: these are the words of a witness of our time, Fr. Andrea Santoro (Priverno, 1945 - Trabzon, 2006), words sealed with the gift of life. I have often heard these same words in the last years, especially in Germany, when I met young Christians who had fled Iraq.

Throughout the centuries, theology as well as Christian life has repeatedly lost sight of the centrality of this dimension, but the Church has never lacked life experiences that have kept alive the awareness that believing means fundamentally being on the road. In a special way, the experience proper to monasticism³² and in general to consecrated life in its eschatological meaning have helped keeping alive the itinerant vocation of the believer in the history of Christianity.

Thanks to the Second Vatican Council, as we know, the Church has rediscovered itinerancy as its constitutive dimension: the Church is *a pilgrim church* and this characterises it both as a *mystery of communion* and as a *sacrament*, as well as being *God's people*³³.

²⁶ At the basis of this contribution is the speech prepared on the occasion of the Academic Act promoted by SIMI on 28 November 2014.

²⁷ Graziano Battistella (ed.), *Migrazioni. Dizionario socio-pastorale*, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2010. See also several contributions published in this series of subsidies to *Traditio Scalabriniana*.

²⁸ Analita Candaten, *Povo a caminho. Uma espiritualidade que gera esperança*, Lorigraf, Caxias do Sul (RS Brasil) 2007².

²⁹ "Human life is a path. Life is like a journey on the sea of history" (*Spe salvi*, 49): the entry "Pellegrinaggio" in the above-mentioned dictionary opens with this quotation from Benedict XVI (cf. Carlo Mazza, "Pellegrinaggio", in Graziano Battistella (ed.), *Migrazioni*, 821-827).

³⁰ Cf. Gabriele Bentoglio, "Nuovo Testamento", in Graziano Battistella (ed.), *Migrazioni*, 712.

³¹ Thus John Paul II in a speech of 28 February 1992 on the occasion of the First World Congress for the Pastoral Care of Shrines and Pilgrimages, quoted in Carlo Mazza, "Pellegrinaggio", in Graziano Battistella (ed.), *Migrazioni*, 823.

³² You can see the synthetic picture traced in Luciano Manicardi's essay, *I cristiani stranieri e pellegrini*, Ed. Qiqajon, Bose 1997, 11-15.

³³ Cf. Sandra Mazzolini, "Chiesa pellegrina", in Graziano Battistella (ed.), *Migrazioni*, 146.

The journey of migrants, a sign of the vocation of humanity

In the face of the current and complex phenomenon of migration, the need for a sapiential reading in the light of faith has made its way into the Church in recent years: a sapiential reading, capable of recognizing in the migrants' journey - although marked by serious injustices that must be denounced and fought against - the living sign of the vocation of humanity, called to walk until becoming a single family of different peoples.

In this sense, the first part of the Instruction *Erga migrantes caritas Christi*, presented in May 2004 by the Pontifical Council for the Pastoral Care of Migrants and Itinerant People, is particularly significant although not without limits. This first part marks in fact a new step compared to the previous documents: "The space reserved to the biblical foundation and the exposition of the scriptural data, to some extent systematic, are innovative elements of this pronouncement of the Pontifical Council for the Pastoral Care of Migrants and Itinerant People (EMCC, 2004), compared to the previous documents of the Magisterium"³⁴. In particular, numbers 17-18 highlight the link between the journey of migrants and the eschatological dimension of human existence. After recalling the biblical vision of the future through the reference to Is 2,2 ("In days to come, The mountain of the LORD'S house shall be established as the highest mountain [...]. All nations shall stream toward it"), Lk 13,29 ("And people will come from the east and the west and from the north and the south and will recline at table in the kingdom of God") and Rev 7,9 ("a great multitude [...] from every nation, race, people, and tongue")³⁵, the document underlines: "The Church is now on the arduous journey towards this final goal, and of this multitude migrations can be a reminder and a foreshadowing of the ultimate encounter of all humanity with God and in God" (EMCC 17). And it adds: "The migrants' journey can thus become a living sign of an eternal vocation, a continuous impulse to that hope that, pointing to a future beyond the present world, urges its transformation in charity and eschatological overcoming" (EMCC 18).

In the different local churches today there is a growing awareness that the way to intervene with far-sightedness and effectiveness is precisely that of a sapiential reading of the migratory phenomenon in its multiple aspects. Deepening the thought and action of Giovanni Battista Scalabrini, father and apostle of migrants, we can receive a precious confirmation. Striking is the extent of his intervention in favour of migrants' assistance without ever falling into **welfare (???)**, as well as the punctuality of his denunciation of the injustices linked to emigration without ever taking bitter tones. The secret of all this is his profound vision of faith:

The realism of faith, which guided his steps in every situation, gave Bishop Scalabrini the certainty that even the broken pieces of human mistakes and the evil of the world, in the hand of 'The Artist,' could become something much greater than we might possibly imagine by ourselves. Infact, while he forcefully denounced the abuses and exploitation to which the Italian migrants were exposed, in his eyes and heart he cherished the prophetic vision of the great plan of God, that was being accomplished by countless and very different collaborators, as he himself affirmed...³⁶

Theological reflection has accompanied and accompanies at different levels the growth of the new ecclesial sensitivity that the EMCC instruction testifies to us: for example, in the theological-pastoral field, in missiology, in biblical studies, as well as in methodological reflection on

³⁴ Thus Gabriele Bentoglio, "*Mio padre era un arameo errante...*". *Temi di Teologia Biblica sulla mobilità umana*, Quaderni SIMI 4, Urbaniana University Press, Vatican City 2006, 227. In this contribution the author also points out the limits present in the first part of the Instruction.

³⁵ The biblical texts are taken from *The New American Bible* (www.vatican.va).

³⁶ Maria Grazia Luise, "G.B. Scalabrini, A Man of Communion", *Traditio Scalabriniana*, n. 3, June 2006 (online).

*theological loci*³⁷. It is an important path that allows us to change the perspective and recognize in the migrant someone with a mission: to remind every man of his itinerant vocation.

Church which goes forth is the significant summary of the programme proposed by Pope Francis, in the first year of his pontificate, to the whole Church with the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*. How can we fail to recognise behind this programmatic expression the depth of the experience of Pope Francis, who in recent years has so concretely let himself be challenged by the reality of migrants and refugees, recognising in their lives a *sign of the times*?³⁸

The starting point for Christian itinerancy

One aspect that is not always in the focus and to which, therefore, it seems important to bring attention, is the reflection on the starting point of itinerancy as is conceived by Christian faith. Here is the question: if faith means setting out and if living is walking, what is the starting point? In his work *Verbum caro* the theologian Hans Urs von Balthasar (Luzern, 1905 - Basel, 1988) points out that Christian life

can only be a life of fullness and therefore a life of gratitude: Eucharistia. [...] So the Christian needs only to let himself be guided by the fact that eternal life and love have been given to him by faith. [...] Therefore, there are no 'stages of development' of Christian life in the sense of the ascetic-mystical ascension schemes of other religions, but only stages of the unfolding of the life of grace in us, the ever more total clearing away of everything that still blocks the space of grace. The Christian may and should always begin with the already given, already presupposed fullness.[...] In Christianity, however, every refusal to start from the fullness is a form of unbelief.³⁹

In faith, then, one walks, grows... but how? Not from poverty to fullness - it would be unbelief, that is, it would contradict faith - but *vice versa*: from *already* to *not yet*. With baptism the believer is given the gift of participating in the divine life, a gift that needs to grow with time. The necessity of the journey, of growth, however, does not imply the incompleteness of the gift, but the incompleteness of our response, of our freedom, which in time must take position with reference to the gift received.

Among the New Testament texts that are generally mentioned when it comes to itinerancy - such as Heb 11,13-14; 1Pt 2,11; Phil 3,20⁴⁰ - is particularly significant 1Pt 1,1-2 for the presence of a strange combination of terms which, when considered in the context of the whole letter, reveals all its importance: "Peter, an apostle of Jesus Christ, to the chosen sojourners of the dispersion in Pontus, Galatia, Cappadocia, Asia, and Bithynia, in the foreknowledge of God the Father, through sanctification by the Spirit, for obedience and sprinkling with the blood of Jesus Christ: may grace and peace be yours in abundance."

³⁷ Concerning the research on migration as a real *locus teologicus*, we can see the synthesis of Gioacchino Campese, "Teologia delle migrazioni", in Graziano Battistella (ed.), *Migrazioni*, 1016-1027. The author points out that the first Latin American congress on migration theology, held in São Paulo in 2006, was significantly entitled: "Migrações: um novo lugar teológico?" (1019). More recently the Institute "Weltkirche und Mission" in Frankfurt dedicated a study day and a publication to this very issue: Tobias Kessler (ed.), *Migration als Ort der Theologie*, Verlag Friedrich Pustet, Regensburg 2014. Among the most significant contributions are those by Regina Pollak, "Migration als Ort der Theologie", 87-114 and Hans Joachim Sander, "Menschen im Versteck", 189-207.

³⁸ See the collection of Pope Francis' teachings on the pastoral care of migrants, refugees and victims of trafficking in human beings, made available and regularly updated on the website of the Migrants and Refugees Section, a special section he wanted when he established the new Department for the Service of Integral Human Development.

³⁹ Hans Urs von Balthasar, *Verbum caro. Skizzen zur Theologie* I, Johannes Verlag, Einsiedeln 1960, 1990³, 179-180 (our translation).

⁴⁰ In this regard we can see, although very brief, Anna Fumagalli, "Patria/Cittadinanza", in Graziano Battistella (ed.), *Migrazioni*, 819-821.

The two fundamental terms of this initial greeting, placed close to each other - *eklektoîs parepidémois*, literally *the chosen foreigners*⁴¹ - effectively express the positive tension that characterises Christian life.

The *chosen foreigners*: thus the First Letter of Peter refers to Christians, characterised both by election and strangeness. Election means the free call of God, the gift to participate in His life, to belong to Him⁴². In the first place, therefore, is the awareness of the gift received. Then follows the experience of precariousness and uprooting in which the Christian community lives. It is precisely starting from the gift that the believer can go through every situation⁴³.

These brief provocations say that the question of the starting point is worth investigating in depth, an aspect that seems fundamental when it comes to itinerancy according to the Christian faith. By the way, the Christian conception of itinerancy could be no other, because it essentially refers to the person of Jesus and to his own itinerancy.

At this point, it is not superfluous to recall that at the centre of the Christian faith is not a doctrine, a *Weltanschauung*, a morality, a culture... but a person: Jesus of Nazareth, "a certain Jesus, dead, whom Paul claimed to be alive" - so the governor Festus in Acts 25:19 - the Son of God, which became man, was crucified and has risen. Christian life is basically life *with* Jesus, full sharing with him, that is, a life as children *in* the Son, participation in his own filial relationship with the Father.

This Jesus, the eternal Son of the Father, is *the itinerant* par excellence.⁴⁴ The New Testament expresses this in a very incisive way, for example, with the words we find at the beginning of the Gospel according to John: "And the Word became flesh" (Jn 1:14) or in Paul's letters: "from rich as he was, he became poor for you, that you might become rich through his poverty" (2 Cor 8:9), "being in God's condition, he did not consider it a privilege to be like God, but emptied himself..." (Phil 2,6-7), or in the Synoptic Gospels: "The Son of Man has nowhere to lay his head" (Mt 8,20; Lk 9,58).

There is no doubt that the starting point of his itinerancy is fullness, that is, his relationship with the Father. But there is more: in this relationship he continues to dwell at every moment of his mission. In fact, Jesus' itinerancy is nothing more and nothing less than his obedience to the Father: "I came down from heaven not to do my own will but the will of the one who sent me" (Jn 6:38), "I do nothing on my own, but I say only what the Father taught me" (Jn 8:28). And it is precisely through this *obedient itinerancy* of his that he continues to live - and to reveal to us - his deepest identity as

⁴¹ In his aforementioned essay, Luciano Manicardi translates as follows: " "to the elect who are staying precariously [or "who are passing through"] in the diaspora..." " (9). Gabriele Bentoglio, *Stranieri e pellegrini. Icone bibliche per una pedagogia dell'incontro*, Paoline Ed., Milano 2007, 257, summarizes the problem of textual criticism and the consequences for the meaning: "There is also a problem of textual criticism: the Sinaitic code adds *kai* (i.e. the conjunction "and") between *eklektois* and *parepidemois diasporas* (and one would therefore have "elected and strangers of the diaspora"). Why? It is a facilitation of the text. In fact, if there were the conjunction, the elected and pilgrim Jews who have become Christians would be indicated in their entirety; on the other hand, if there is no conjunctiva particle, then the reference is to the Christian in general, or rather to all Christians because they have the characteristic of both election and extraneousness..." (our translation).

⁴² Gabriele Bentoglio, *Stranieri e pellegrini*, 258, underlines: "The election, after all, is a recurring theme of the letter".

⁴³ See also Gilberto Marconi, *Omelie e catechesi cristiane nel I secolo*, EDB, Bologna 1994, 114-115. For more information see the contribution of Elena Bosetti, "I cristiani come stranieri nella Prima lettera di Pietro", *Ricerche storico-bibliche* (VIII) 1-2, 1996, 317-334.

⁴⁴ Significantly, von Balthasar himself in his work *Theologie der drei Tage* (which is based on the author's contribution on the Paschal Mystery in the great dictionary of dogmatic *Mysterium salutis*) considers the three days of the Paschal Mystery, that is, the mystery of the *kenosis* of the Son, as a journey: journey to the cross, Good Friday, journey to the dead, Holy Saturday, journey to the Father, at Easter (cf. Hans Urs von Balthasar, *Theologie der drei Tage*, Johannes Verlag, Einsiedeln, Freiburg 1969, 1990).

Son who has always turned to the Father (cf. Jn 1:1)⁴⁵. The life of the Son, therefore, is a *fully outgoing* life and is at the same time a life *deeply at home*⁴⁶.

Precisely as a Son, Jesus is the authentic man, in whom God's plan for humanity has been fully realized. We know the fundamental affirmation of n. 22 of *Gaudium et spes*, which begins as follows: "The truth is that only in the mystery of the incarnate Word does the mystery of humankind take on light." Looking to the Son, then, and to his obedient itinerancy, we can recognize the deepest meaning not only of our life as believers, but of the journey of every man and of the entire humanity.

Like Jesus, the disciples of Jesus are also asked to live and bear witness to a fruitful tension: *always on the road*, overcoming the temptation to identify one or the other land with the true homeland, one or the other stage with the goal..., and at the same time *deeply at home*, letting themselves be carried by the Holy Spirit into the relationship of Jesus with the Father.

And if the starting point is a fullness, already along the way - as our free response to the gift received grows - it will be possible to experience surprising anticipation and to discover again and again that the goal itself is a person who is already walking with us.⁴⁷

The Christian faith, therefore, puts in place a clear reversal: not from destitution to fullness, but from fullness to fullness. A reversal that does not only concern man, but God Himself: first of all, in fact, there is not man's path towards God, but God's path towards man.

Relationships along the way

When we say *homo viator*, we think first of all of a dimension that primarily touches the person in relation to his or her goal. No less important, however, are the *repercussions* that itinerancy has on encounters the person has along the way.

This was very well summarised by the former Bishop of Basel, Kurt Koch, now Cardinal at the head of the Pontifical Council for Promoting Christian Unity, in his speech presented at the IV World Congress on the Pastoral Care of Migrants and Refugees:

The history of the Church shows that where the eschatological self-comprehension of Christians - that is, the awareness of living in this world as guests and strangers - was alive, the practice of hospitality was also

⁴⁵ "The obedience of the man Jesus is the historical transcription of his condition as Son, the reproduction among us of that attitude of "turning to the Father" that he has always been living in the bosom of the Trinity" (Bruno Maggioni, *Dio nessuno nessuno l'ha mai visto*, Ed. Vita e Pensiero, Milano 2011, 19).

⁴⁶ In his *Message for Lent 2014* Pope Francis commented on the paradoxical expression of 2 Cor 8:9: "It is striking that the Apostle states that we were set free, not by Christ's riches but by his poverty. Yet Saint Paul is well aware of the "the unsearchable riches of Christ" (Eph 3:8), who is "heir of all things" (Heb 1:2). So what is this poverty by which Christ frees us and enriches us? [...] It is not a play on words or a catchphrase. [...] Christ's poverty which enriches us is his taking flesh and bearing our weaknesses and sins as an expression of God's infinite mercy to us. Christ's poverty is the greatest treasure of all: Jesus' wealth is his boundless confidence in God the Father, his constant trust, his desire always and only to do the Father's will and give glory to him. Jesus is rich in the same way as a child who feels loved and who loves its parents, without doubting their love and tenderness for an instant. Jesus' wealth lies in his being the Son [...]"

⁴⁷ An *unfinished fulfilment* characterizes both the Old and New Testament in different ways. The document of the Pontifical Biblical Commission, *The Jewish People and their Sacred Scriptures in the Christian Bible*, 2001, stresses in n. 21: "What has already been accomplished in Christ must yet be accomplished in us and in the world. The definitive fulfilment will be at the end with the resurrection of the dead, a new heaven and a new earth. Jewish messianic expectation is not in vain. It can become for us Christians a powerful stimulant to keep alive the eschatological dimension of our faith. Like them, we too live in expectation. The difference is that for us the One who is to come will have the traits of the Jesus who has already come and is already present and active among us."

credible and that, on the contrary, where this eschatological self-comprehension had disappeared from their consciousness, hospitality was no longer practised, since it had lost its spiritual roots.⁴⁸

In fact, where man does not recognise himself as a pilgrim, it is difficult for him to recognise in the other a travelling companion, to share with him what little or much he possesses, to establish reciprocal relationships, where each has something to give and receive. The position of those who play a home match is undeniably a position of advantage, a position of strength, from the top of which one can afford to look at the other with a certain superiority.

On the contrary - as admirably summed up by the anonymous Christian author to whom we owe the well-known *Letter to Diognetus* - those who "live in their own homeland, but as strangers" and therefore cannot count on other certainties than trust in the Father, learn to "*love everyone*", as the writing itself says a few lines later.⁴⁹

At this point we go once again to the New Testament to let ourselves be provoked by the words that we find in Eph 2:19, words that are in apparent contrast to what has been said so far: "So then you are no longer strangers or guests, but fellow citizens of the saints and family members of God."⁵⁰ Directly questioned are those who were once excluded from the "citizenship of Israel", those who were once the "distant ones". Paul is touching on the delicate relationship between Jews and non-Jews and therefore he is talking about what was then not simply a diversity among others, but an abysmal distance. It's about the possibility of fraternal relationships where they seemed unthinkable.

Paul can come to this conclusion - "So then you are no longer strangers or guests, but..." - not because he is particularly good or generous, but because he seriously considers the new situation which has become possible thanks to Jesus: "Through him we can present ourselves to the Father in one Spirit" (Eph 2:18).

Once again the gift comes to the fore. As we have seen, it is the awareness of the gift received that leads the Christian to walk, so that he can reach the goal also by his full response. And it is this same awareness - which in simple words could also be expressed in this way: "If it is a gift, it is for everyone!" - which allows him, along the way, to recognize in every other, even the most stranger, a travelling companion.

*...to open ourselves to the encounter with the Son, who died and rose for all,
himself a migrant and the missionary of the Father.
Scalabrinian Traditio, Basic text, 4*

⁴⁸ Kurt Koch, "L'accettazione dello straniero come un segno di un cultura: dall'ostilità all'ospitalità", Supplemento a *Sulle strade dell'esodo*, 9, 1998, 14-15 (our translation).

⁴⁹ In this regard can be consulted the two contributions of Clara Burini, "Dall'amore reciproco all'amore verso l'altro", *Parola, Spirito e vita* 27, 1993, 265-277 and Id., "Ma come pellegrini", *Parola, Spirito e vita* 28, 1993, 269-281.

⁵⁰ See Gabriele Bentoglio, *Stranieri e pellegrini*, 252-256 as well as Anna Fumagalli, "Patria/cittadinanza", 820.

**INCONTRO, DIALOGO E ANNUNCIO
NELLA GUARIGIONE DI UN UOMO CIECO DALLA NASCITA (Gv 9,1-41)**

Gabriele Bentoglio, cs

1. L'itinerario del "segno": incontro, dialogo, annuncio

Il "segno" della guarigione di un uomo cieco dalla nascita è il sesto "miracolo" riportato da Giovanni (9,1-41) e appartiene al "libro delle opere", che forma la prima parte del Quarto Vangelo (Gv 1,19 – 12,50)¹.

Questo racconto entra nell'elenco dei passi stilisticamente più elaborati del Vangelo di Giovanni. È tutto costruito sull'incalzante alternanza di diverse forme di dialogo. L'intero impianto, poi, ruota attorno al tema della "luce", che è tra gli argomenti principali di questo Vangelo.

Già nel prologo si legge che: «veniva nel mondo la luce vera, quella che illumina ogni uomo» (1,9): è Gesù che rivela se stesso, egli è la luce. Davanti a lui, però, bisogna prendere una decisione e, infatti, dice il prologo che: «venne fra i suoi, e i suoi non lo hanno accolto» (1,11). C'è chi rifiuta la luce. Ma c'è anche chi accetta questo dono, e allora: «a quanti lo hanno accolto ha dato potere di diventare figli di Dio» (1,12).

Poco prima di incontrare l'uomo nato cieco, Gesù aveva affermato: «Io sono la luce del mondo; chi segue me non camminerà nelle tenebre, ma avrà la luce della vita» (8,12). Il dono inatteso della vista ad un uomo nato cieco, dunque, sta come a giustificare la veridicità di quella affermazione, che Gesù ripete anche in questo contesto immediatamente prima di compiere il prodigio: «finché io sono nel mondo, sono la luce del mondo» (v. 5).

Nel tema della luce, pertanto, abbiamo anche la sintesi di tutto il Vangelo di Giovanni: chi accoglie la luce e crede riceve in dono la pienezza della vita e, a sua volta, comunica ad altri l'esperienza della salvezza. Ecco l'itinerario che si snoda anche nella pericope della guarigione del cieco: dall'incontro con Gesù, che offre la luce, al dialogo autentico, che conferma la fede e spinge all'annuncio, passando per le vie dell'incomprensione, del conflitto e, talvolta, persino dell'emarginazione e dell'esclusione.

È opportuno notare che la guarigione miracolosa di persone non vedenti si trova non solo in questo passo del Quarto Vangelo, ma anche nei Sinottici, che aiutano a completare il quadro storico e la catechesi delle comunità cristiane delle origini (vedi, ad esempio, Mc 8,22-26; 10,46-52 e par.; Mt 9,27-30; Lc 7,22). Dietro il racconto, quindi, si riconosce una buona tradizione storica² e un importante documento di evangelizzazione.

Per ultimo, non dimentichiamo che i Padri della Chiesa hanno utilizzato questo episodio nella liturgia battesimale e nella catechesi sul battesimo. A ben guardare, nel racconto non ci sono indicazioni precise sul battesimo. I riferimenti più prossimi a questo sacramento sono costituiti

¹ Sulla questione dei "segni" nella teologia simbolica vedi C. DOGLIO, "La teologia simbolica dell'evangelista Giovanni", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 7-10.

² Tra l'altro, come nel racconto di Giovanni, anche in Mc 8,22-26 Gesù guarisce un cieco mediante la saliva spalmata sugli occhi: si tratta di un particolare arcaico, poiché anticamente si attribuiva una virtù terapeutica alla saliva, soprattutto se mescolata con la terra.

dall'itinerario di "illuminazione" e dalla materia fangosa eliminata dall'acqua e dalla parola autorevole del Signore, che comanda il lavacro di purificazione³.

Tuttavia, l'orientamento più evidente e completo resta quello cristologico: si tratta di una catechesi sulla persona di Gesù e sull'adesione (o sul rifiuto) che le persone dimostrano quando lo incontrano, dialogano con lui e si sentono spinte all'annuncio della salvezza o decidono di restarne escluse⁴.

2. Struttura dialogica della pericope

La struttura della narrazione giovannea è drammatica, segue un movimento caratterizzato da sette dialoghi⁵. Ciò evidenzia che Gesù non solo accosta variegate situazioni umane nel suo cammino, ma sottolinea anche la sua intenzione di entrare in relazione con esse da vicino, scegliendo di proposito di dare attenzione a chiunque lo incontri, specialmente se si tratta degli ultimi, dei poveri, dei più vulnerabili⁶.

L'introduzione è occupata dall'intervento miracoloso, che giunge a conclusione di un breve dialogo tra Gesù e i suoi discepoli, che gli chiedono quale sia la relazione tra peccato e castigo (vv. 1-7).

Poi ha inizio un dialogo ufficiale in forma di processo. Si presenta il testimone-chiave, il cieco ora vedente (vv. 8-9), che è chiamato a raccontare come siano avvenute le cose, semplicemente esponendo la sequenza dei fatti (vv. 10-12).

Quindi, si apre il processo vero e proprio, con tre scene davanti al tribunale giudaico. Si tratta di una nuova forma di dialogo, non più semplicemente investigativa: ora si deve smascherare un colpevole, bisogna individuare i capi d'imputazione ed è opportuno pronunciare una sentenza. Nella prima (vv. 13-17) e nella terza scena (vv. 24-34) viene inquisito il cieco guarito, che dimostra una intelligente abilità nel sostenere il dialogo, che apparentemente sembra un'inchiesta, di fatto è già orientato

³ Tra i tanti esempi che si possono citare, ecco un passo da un'omelia di S. Agostino: «Il Signore è venuto; e che ha fatto? Ci ha indicato un grande mistero. *Sputò in terra* (Gv 9,6) e con la saliva fece del fango: il Verbo si fece carne (cf. Gv 1,14). Col fango spalmò gli occhi del cieco; il quale tuttavia, sebbene così unto, non vedeva ancora. Lo inviò alla piscina di Siloe. L'evangelista si preoccupò di spiegarci il nome di questa piscina, dicendo: *che vuol dire Inviato* (Gv 9,7). Voi sapete già chi è l'Inviato: se il Cristo non fosse stato inviato, nessuno di noi sarebbe stato liberato dal male. Il cieco si lavò gli occhi in quella piscina il cui nome significa l'Inviato; cioè fu battezzato nel Cristo. Pertanto, se battezzandolo, per così dire, in se stesso, lo illuminò, si può dire che quando gli spalmò gli occhi lo fece catecumeno. Certo, la profondità di questo grande sacramento si può esporre e illustrare in vari modi; ma alla vostra Carità basti sapere che si tratta di un grande mistero. Domanda a uno: Sei cristiano? Se è pagano o giudeo ti risponderà di no; ma se ti risponderà di sì, domandagli ancora: Sei catecumeno o fedele? Se ti risponde che è catecumeno, vuol dire che i suoi occhi sono stati spalmati di fango, ma che ancora non è stato lavato. In che senso gli sono stati spalmati gli occhi di fango? Domandaglielo e te lo dirà. Domandagli in chi crede, ed egli, per il fatto che è catecumeno, dirà: In Cristo. Io sto parlando ora a dei fedeli e a dei catecumeni. Cosa ho detto a proposito della saliva e del fango? Che il Verbo si fece carne. Ciò è noto anche ai catecumeni. Non è sufficiente che i loro occhi siano stati spalmati di fango; si affrettino a lavarsi, se vogliono vedere»: *Commento al Vangelo di San Giovanni*, Omelia 44, 2, *Patrologia Latina* 35.

⁴ Non si contano i commentari al Quarto Vangelo, sia quelli "scientifici" sia quelli "divulgativi". Tra i maggiori, comunque, si possono citare almeno i seguenti nelle traduzioni in lingua italiana: R. FABRIS, *Giovanni. Traduzione e commento*, Borla, Roma 1992; X. LÉON-DUFOUR, *Lettura dell'Evangelo secondo Giovanni*, 4 voll., San Paolo, Cinisello Balsamo 1990-1998; R.E. BROWN, *Giovanni. Commento al Vangelo spirituale*, 2 voll., Cittadella, Assisi 1979; R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni*, (Commentario teologico del Nuovo Testamento, IV), 4 voll., Paideia, Brescia 1971.1973.1981.1987.

⁵ Questa pericope insiste sul significato simbolico del numero 7: 7 dialoghi; 7 scene; 7 volte l'espressione "aprire gli occhi"; 7 titoli dati a Gesù (rabbi, v. 2; l'inviato, v. 7; l'uomo, vv. 11.16; il profeta, v. 17; il messia, v. 22; il Figlio dell'uomo, v. 35; il Signore, v. 36).

⁶ «Salta agli occhi che nel Vangelo giovanneo non è mai il diretto interessato a chiedere l'intervento di Gesù, come nei casi dell'infermo trentottenne alla piscina di Betsaida (5,1-16) e del cieco nato, ma è Gesù a prendere l'iniziativa»: M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 24-25.

all'espressione di una condanna. Invece nella seconda scena vengono chiamati a testimoniare i genitori del cieco che improvvisamente ha acquistato la vista (vv. 18-23).

Il dialogo di questo processo si interessa di come sia avvenuto il fatto e della qualifica di Gesù: chi è quest'uomo che trasgredisce un comando di Dio per operare miracoli che soltanto Dio potrebbe fare?.

Questa prima dimensione dialogica arriva ad una conclusione, che pareva già chiara fin dall'inizio: sia Gesù sia il cieco guarito sono colpevoli. A nulla serve l'evidenza dei fatti e il ragionamento del tutto logico del cieco, che si richiama al buon senso e mette in ridicolo la cattiva fede dei suoi giudici: Gesù ha fatto un miracolo che dovrebbe bastare da solo a dichiarare che egli viene da Dio. Ma questa forma di dialogo non ha prodotto altro che chiusura e rifiuto, perché le sue basi erano pregiudizievoli e non vi era interesse al confronto serio e positivo.

Infatti il risultato non è un approfondimento della verità, ma il pronunciamento di una sentenza: Gesù è latitante e contro di lui non si può far nulla; ma il cieco guarito prima viene disconosciuto dalla sua famiglia, poi riceve gli insulti dei suoi giudici e, infine, è cacciato dalla sinagoga.

L'episodio, però, non finisce lì: allontanato dalla sua gente, il cieco guarito viene accolto da Gesù in un dialogo che suscita nuove emozioni.

Non trascuriamo un importante aspetto della vicenda: l'evangelista precisa, infatti, che ancora una volta è l'iniziativa di Gesù a permettere lo sviluppo di un dialogo costruttivo: «*Gesù seppe che l'avevano cacciato fuori; quando lo trovò...*» (v. 35). È Gesù che si è messo alla ricerca dell'uomo liberato dal buio della cecità e illuminato dal «*Figlio dell'uomo*» (v. 38) e lo interpella perché esca definitivamente dalla tenebra.

E allora, di fronte al Signore che finalmente vede e con il quale parla, il vedente fa la sua bella professione di fede (vv. 35-39), mentre i farisei ricevono da Gesù la conferma della posizione sbagliata che essi stessi si sono scelti: «*Se foste ciechi, non avreste alcun peccato; ma siccome dite: "Noi vediamo", il vostro peccato rimane*» (v. 41).

3. Composizione di luogo e presentazione dei personaggi

Le indicazioni di luogo e di tempo, che in genere inquadrano un racconto, qui sono molto scarse e generiche, a differenza, ad esempio, delle informazioni abbondanti e precise che aprono l'incontro di Gesù con la donna di Samaria (Gv 4,1-42): forse è un segnale che fa pensare che Giovanni abbia ricevuto questo racconto da qualcun altro; forse girava nelle comunità tramandato oralmente; forse il redattore forza l'attenzione dei lettori perché si concentri solo su Gesù e non sia distratta dai dettagli di cornice.

I personaggi sono subito introdotti: Gesù, i discepoli e un uomo cieco dalla nascita. I discepoli, però, escono immediatamente dalla scena, che resta incentrata sul cieco, sui suoi genitori e sul gruppo inquisitore giudaico. Gesù si presenta all'inizio del fatto, poi resta nel sottofondo del racconto, per ricomparire alla fine con il compito di esprimere una valutazione sull'uomo guarito, in positivo, e sui suoi giudici, in negativo.

A differenza dei Sinottici, nel Vangelo di Giovanni ci sono pochi "segni", ma tutti sono contrassegnati dalla straordinarietà. Anche in questo caso, mentre i Sinottici ricordano che Gesù ha ridato la vista a dei ciechi, soltanto Giovanni sottolinea che il cieco guarito alla piscina di Siloe non aveva mai visto in tutta la sua vita, era nato cieco. Così Giovanni mette in chiara evidenza la straordinarietà del segno.

Gesù si trova attorniato dai suoi discepoli, che gli fanno una domanda, nella quale si legge l'opinione popolare, che ritroviamo per esempio nel libro di Giobbe (Gb 4,8-9; cfr. anche Pr 22,3), secondo la quale una disgrazia deve avere una causa, e la causa è un peccato.

In realtà, tra le righe leggiamo una domanda che ha molta più intensità e rilevanza. L'evangelista vorrebbe aprire un dialogo con la sua comunità ma anche con i suoi avversari, i giudei della sinagoga della fine del primo secolo, e con tutti coloro che potrebbero chiedersi: "chi è Gesù?".

Il contesto in cui avvengono i fatti è la festa ebraica delle Capanne, che cadeva tra la fine di settembre e la prima metà di ottobre. Era una festa in cui venivano richiamati i motivi dell'acqua e della luce.

Siamo probabilmente nell'anno 29⁷.

4. Prima parte del fatto: la guarigione del cieco

L'episodio si apre con la domanda dei discepoli: «*Rabbi, chi ha peccato, lui o i suoi genitori, perché sia nato cieco?*» (v. 2). Nella risposta di Gesù troviamo che non c'è consequenzialità tra malattia e peccato. Anzi, Gesù evita di addossare a qualcuno in particolare, del passato o del presente, la responsabilità di determinati mali sociali o individuali e ribadisce un principio molto importante nell'etica biblica: ciò che conta non è tanto stabilire le responsabilità o individuare il colpevole, bensì cercare di rimediare alla situazione e aiutare la vittima della sciagura; chi si rifiuta di tendere la mano si rende responsabile della persistenza e, ovviamente, delle conseguenze del male.

Nella disgrazia, come sarà poi nella croce di Gesù, si manifesterà la gloria di Dio. In questo caso specifico, la disabilità serve a proclamare le opere di Dio mediante l'intervento di Gesù: l'opera di Dio è la sua capacità di guarire un cieco che non ha mai aperto gli occhi alla luce, sia nella dimensione fisica che in quella spirituale. Questo è il senso del discorso che Gesù fa ai discepoli prima di compiere il miracolo, richiamandosi alle opere che sono chiamati a fare tanto lui come i discepoli: «*Bisogna che noi compiamo le opere di colui che mi ha mandato*» (v. 4).

Davanti al gruppetto, con Gesù, c'è un uomo che non ha mai visto la realtà delle cose; la sua vita è ridotta ad elemosinare; egli dipende esclusivamente dalla compassione del prossimo. Gesù non gli dà un'elemosina particolarmente generosa. Inizialmente addirittura sembra fare qualcosa di offensivo alla cecità del pover'uomo: gli spalma sugli occhi del fango. In tal modo si adatta alla mentalità popolare, ma sta bene attento a tener lontano ogni senso di magia in quello che fa. Difatti la guarigione non avviene tramite il fango o l'acqua di Siloe, ma sull'obbedienza al suo comando: «*Va' a lavarti nella piscina di Siloe*» (v. 7). Il cieco si sente sporco ed è costretto dai fatti e dalle parole di Gesù a scendere a lavarsi alla vasca di Siloe. «*Si lavò e tornò che ci vedeva*» (v. 7).

Gesù manda il cieco allo sbocco del canale di Ezechia e Giovanni offre una spiegazione del nome della piscina («*Siloe, che significa Inviato*»: v. 7), forse perché i suoi lettori non conoscono Gerusalemme, o forse per mettere in contatto la guarigione avvenuta alla piscina con Gesù, che è stato inviato a compiere le opere di Dio, cioè a fare in modo che «*coloro che non vedono, vedano e quelli che vedono diventino ciechi*» (v. 39). Di fatto, la spiegazione del nome è un po' forzata, perché il senso proprio di *siloh*, in ebraico, è piuttosto attivo: significa *mandante*, non *mandato*. Fa

⁷ La festa autunnale dei Tabernacoli o delle Capanne (vedi Gv 7,2) durava otto giorni, durante i quali il sommo sacerdote scendeva in processione alla fontana di Siloe per attingere con una bottiglia l'acqua lustrale da effondere sull'altare. Siloe era l'unica sorgente di un certo rilievo nell'antica Gerusalemme.

riferimento al canale realizzato da Ezechia per mandare l'acqua dalla sorgente di Gihon alla vasca di contenimento. Giovanni forza la spiegazione perché l'attenzione non si fermi sul "canale inviante", ma su Gesù che è l'invitato di Dio, come l'acqua che è mandata dalla sorgente, attraverso il canale, fino alla vasca di Siloe⁸.

Sta di fatto che l'acqua completa il miracolo: allusione al battesimo?

Ad ogni modo, con la sua azione, Gesù trasgredisce il comando che riguarda il riposo del sabato e, per questo, i giudici farisei lo condannano come peccatore. È curioso, però, che non imputano la stessa colpa al cieco guarito, che pure ha violato la prescrizione per andare a lavarsi. Questo conferma che l'evangelista vuol impedire ai suoi interlocutori di distogliere l'attenzione da Gesù per bloccarsi soltanto sulla prodigiosa guarigione.

Il dialogo falso e controproducente

Entrano allora in scena i farisei, che negano risolutamente il miracolo perché Gesù ha profanato il comandamento divino e, dunque, non può appartenere alla sfera divina⁹.

I giudici, tuttavia, non trovano un accordo sull'identità di Gesù. I difensori ad oltranza della legge fanno leva sulla trasgressione del sabato e non hanno alcun interesse verso una persona guarita da una terribile disabilità; quelli più aperti tra loro, invece, si domandano come un segno miracoloso possa essere compiuto da chi che non obbedisce alla legge di Dio.

Viste le loro divergenze, interrogano il cieco guarito. Eppure, anche di fronte all'indiscutibilità del prodigio, invece di mettere in dubbio le loro convinzioni, preferiscono negare l'evidenza: il miracolo non sarebbe mai avvenuto, semplicemente perché il cieco non sarebbe mai stato cieco (v. 18)!

Comunque, non si sentono soddisfatti e mandano a chiamare i genitori del cieco guarito, nel tentativo di cogliere qualche contraddizione sull'identità di Gesù o sul come sia avvenuto il portentoso. I genitori se la cavano con destrezza, scaricando sul figlio ogni valutazione: «*ha l'età, parlerà lui di sé*» (v. 21). Questo comportamento spiega bene la tensione tra i cristiani e la sinagoga alla fine del primo secolo. Negli anni 80 d.C. si decretò, infatti, la scomunica per i giudeo-cristiani.

Per questo interviene la penna dell'evangelista, che si sente in dovere di offrire una spiegazione ai suoi lettori. E qui veniamo a scoprire i retroscena storici che vengono fissati verso la fine del primo secolo, quando c'era ormai ufficiale ostilità tra la comunità giudaica e quella cristiana. Mentre Gesù era in vita, infatti, sembra poco verosimile registrare lotta aperta tra il gruppetto dei suoi seguaci e la sinagoga giudaica. Del resto, ricordiamo che anche dopo l'ascensione di Gesù i discepoli continuano a frequentare il tempio, dove Pietro fa addirittura un miracolo (At 3,1-10); Paolo, poi, almeno una ventina d'anni dopo l'ascensione, viene arrestato nell'area del tempio, segno che poteva andarci senza particolari restrizioni o impedimenti (At 21,27-36).

Sembra più probabile che questo episodio, con la spiegazione di Giovanni, rispecchi una situazione storica accertata sul finire del primo secolo, quando i documenti attestano tre generi di scomunica

⁸ Una buona ed esaustiva interpretazione di questo passo è stata elaborata da M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 25-27.

⁹ Per tentare di identificare meglio la designazione del gruppo che conduce il processo, è interessante il suggerimento di M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), p. 28: «Forse con il termine "farisei" cioè "separati" l'evangelista non intende riferirsi soltanto al movimento storico di zelanti della Torah, come lo era Paolo (Fil 3,5; At 23,6; 26,5), ma anche a discepoli di Gesù con le stesse caratteristiche».

da parte delle comunità giudaiche: 1) quella “punitiva” che durava una settimana; 2) quella che durava un mese e comportava l’allontanamento dalle associazioni giudaiche, ma non dal servizio liturgico, dalla preghiera e dal sacrificio al tempio, fino a quando il tempio è esistito; 3) infine c’era la scomunica chiamata *herem*, una solenne maledizione, che escludeva per sempre dalla sinagoga e da Israele. Forse al tempo di Gesù erano attive le prime due, mentre al tempo della chiesa giovannea era in vigore la terza, la più grave, documentata sotto Gamaliele II alla fine del primo secolo, quella di cui faceva esperienza proprio la chiesa di Giovanni.

Il dialogo che suscita la fede

L’interrogatorio continua, tra l’ironia di Giovanni, che presenta l’abilità del cieco guarito in contrasto con la brutta figura che fanno i giudici farisei.

E dopo i vari tira-molla dei dialoghi in chiave negativa di pregiudizio e di rigetto, Gesù incontra faccia a faccia il cieco guarito. Quando ancora non ci vedeva, forse un discepolo di Gesù o qualcun altro può avergli svelato l’identità del suo guaritore, ma egli non aveva potuto vederlo in faccia, neppure dopo essersi lavato nell’acqua della fontana. Ora può finalmente rincontrarlo, ma ovviamente non può riconoscerlo. Davanti a lui potrebbe anche esserci uno che, avendo ascoltato i suoi discorsi con i farisei, lo ha cercato per complimentarsi della sua franchezza.

Ed ecco che si apre un dialogo a viso aperto. Cacciato dalla sinagoga e accolto da Gesù, si sente chiedere se crede nel «*Figlio dell’uomo*» (v. 35). Questo titolo in sostanza equivale a quello di “Messia”, ma è probabile che l’evangelista lo eviti per il suo sapore chiaramente politico.

La domanda di Gesù sollecita il cieco guarito a convincersi che colui che gli sta davanti è grande non solo perché «è un profeta» (v. 17), «onora Dio e fa la sua volontà» (v. 31), come prima aveva detto, ma proprio perché è il Figlio di Dio, giudice e salvatore¹⁰.

Gesù non gli restituisce solo la luce degli occhi, ma anche quella della fede. Così prende forma il parallelo semantico tra vedere *fisicamente* e non vedere *spiritualmente*, e viceversa, che in un racconto come questo è molto indovinato. I farisei, infatti, sicuri di possedere la verità, rifiutano di vedere fuori di sé per non porre in dubbio le proprie certezze. Nella loro scelta consapevole di scegliere le tenebre anziché la luce si attua il giudizio di Dio, che li esclude dalla salvezza.

Di fatto l’incontro con Gesù non lascia indifferenti: bisogna decidersi. E le persone si dividono in due gruppi: da una parte coloro che accolgono la sua proposta di salvezza e, dall’altra, coloro che la respingono: «È per un giudizio che io sono venuto in questo mondo, perché coloro che non vedono, vedano e quelli che vedono, diventino ciechi» (v. 39). La persona che riconosce di essere cieca in un mondo di tenebre riceve la vista alla luce di Gesù. Invece, chi si considera vedente e si chiude nella pretesa luce della sua ragione chiude ancor di più gli occhi alla luce di Gesù, anche se si tratta di illuminazione religiosa, come nel caso dei farisei. L’“essere nelle tenebre” diventa allora un “voler rimanere nelle tenebre”, non voler essere illuminati.

Con Gesù-luce è venuta l’ora della decisione: per la perdizione o per la salvezza escatologica. Il primo passo verso la luce è la presa di coscienza di essere spiritualmente ciechi, bisognosi di essere

¹⁰ «Il neovedente lo appella “Signore” e interroga Gesù su chi sia il figlio dell’uomo. Gesù si rivela: “Lo hai visto, egli sta parlando con te”. Il vedente di rimando: “Credo Signore, e si prosternò a lui” (9,38). L’espressione “egli-colui che sta parlando (*ho lalôn*) ricorre in Giovanni anche nella sezione della Samaritana alla quale Gesù si rivela come il Messia (4,25-26)»: M.L. Rigato, “Gesù apre gli occhi del cieco nato”, in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), p. 29.

guariti dal male e dal peccato, in modo da accogliere l'invito ad aprirsi alla luce della rivelazione e a partecipare con il cieco nato all'esperienza della luce, che viene da Gesù¹¹.

Finalità del racconto

Per quale motivo Giovanni ha voluto presentare questo episodio della vita di Gesù? Al di là del fatto storico, possiamo chiederci, c'è qualcosa che Giovanni voleva insegnare alla sua comunità, ai lettori del suo Vangelo?

Leggendo attentamente lo sviluppo drammatico della storia, come del resto è tipico del Quarto Vangelo, sembra evidente che tutto il racconto miri a descrivere la crescita progressiva della fede illuminata e della cieca incredulità messe a confronto, prima tra loro, e poi con Gesù stesso. In effetti, non è difficile notare che l'evangelista gioca sui diversi significati dell'essere "cieco" e del verbo "vedere", in relazione con il verbo "credere". È il racconto di un uomo che sedeva nelle tenebre a chiedere l'elemosina e che fu condotto a vedere la luce, non solo quella fisica ma anche quella della fede. Ma è anche il racconto di quelli che credevano di vedere e diventano ciechi, rifiutando la luce e sprofondando nelle tenebre.

Per diversi aspetti, anche questa storia riflette la redazione dei primi capitoli del Quarto Vangelo sullo sviluppo della fede nei personaggi-simbolo di Nicodemo in 3,1-36, della donna di Samaria in 4,1-42 e del funzionario di Erode in 4,46-54.

Abbiamo due linee parallele, che vanno verso una luce sempre più solare, da una parte, e verso una tenebra sempre più fitta e oscura dall'altra. Infatti, notiamo i passaggi progressivi dalla parte dei giudei: in prima battuta il loro giudizio su Gesù è incerto, ancora diviso e sospeso (v. 16: *«quest'uomo non viene da Dio... ma come può un peccatore fare segni di questo genere?»*); poi si fanno sicuri e convinti che Gesù è un peccatore (v. 24: vogliono obbligare il cieco guarito a confessare insieme con loro: *«Da' gloria a Dio! Noi sappiamo che quest'uomo è un peccatore»*); e arrivano a cacciare via brutalmente dalla comunità il cieco guarito (v. 34).

Diversamente, notiamo l'evolversi della storia sul versante del cieco: all'inizio quest'uomo, sotto il torchio del falso dialogo dei farisei, confessa coraggiosamente Gesù come profeta (v. 17: *«dissero di nuovo al cieco: "Tu, che cosa dici di lui, dal momento che ti ha aperto gli occhi?"*. Egli rispose: *"È un profeta"»*). Poi cambia parere, verso una certezza più profonda, dichiarando che viene da Dio: *«Se costui non venisse da Dio, non avrebbe potuto far nulla»* (v. 33) e, infine, si inginocchia davanti a Gesù, in un gesto di adorazione, esprimendo la sua fede nel *«Signore, il Figlio dell'uomo»* (v. 38).

In sintesi, Giovanni presenta un fatto che comincia con un cieco, che conquista la vista, e termina con i farisei, che diventano spiritualmente ciechi.

Il dialogo spinge all'annuncio

In conclusione, non si può non notare quell'ironia sottile tipica di Giovanni, che fa sorridere e, insieme, incoraggia la comunità, mentre prende in giro i giudici farisei: dall'incertezza (v.16) passano alla sicurezza convinta che Gesù sia contro Dio (v. 24), ma alla fine confessano involontariamente la loro ignoranza, quando dichiarano: *«Noi sappiamo che a Mosè ha parlato Dio,*

¹¹ In sintesi, sul tema della luce nel Quarto Vangelo, vedi B. Maggioni, "Io sono la luce", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 44-47.

ma costui non sappiamo di dove sia» (v. 29). Insomma, Giovanni gioca sulla dotta scienza dei farisei, che in realtà dimostra di essere totale ignoranza.

D'altra parte, invece, viene sempre meglio apprezzata la conoscenza serena dell'uomo semplice, che ha fatto l'esperienza di incontrare Gesù e di intrattenere con lui un dialogo fatto di sensibilità, tenerezza e guarigione, nella dimensione del recupero della salute fisica così come nella scoperta della fede e di un rinnovamento dello spirito.

Si tratta, in definitiva, di una sottile riflessione sui diversi sistemi del "sapere". In effetti, in questo racconto, vi sono almeno tre modi di "sapere": quello prudente dei genitori del cieco nato, il "sapere" sicuro dei Giudei e il "sapere" aperto del cieco guarito.

Il racconto giovanneo si interrompe sulla professione di fede del neo-vedente per lasciare spazio alle parole di Gesù, che rivela la sua identità con ricorso alle metafore della porta e del pastore. Senza forzature, però, siamo autorizzati a integrare questa pagina del Quarto Vangelo con le parallele narrazioni dei Sinottici, dove le persone non vedenti, che riacquistano la vista dopo un dialogo personale con Gesù, continuano ad avere ruoli di primaria importanza¹². Infatti, secondo la versione di Matteo, il recupero della vista produce un entusiasmo incontenibile, tanto che le persone guarite non obbediscono al comando di Gesù che li obbliga a tacere sul fatto prodigioso, ma si fanno addirittura promotori della propagazione dell'inattesa guarigione in tutto l'ambiente circostante. Così scrive il Primo evangelista: *«E si aprirono loro gli occhi. Quindi Gesù li ammonì dicendo: "Badate che nessuno lo sappia!". Ma essi, appena usciti, ne diffusero la notizia in tutta quella regione»* (Mt 9,30-31).

Il Vangelo di Marco, infine, è ancor più esplicito nel riportare che la sconfitta della cecità anima Bartimeo a mettersi al seguito di Gesù, che sta salendo a Gerusalemme, da Gerico, per affrontare la passione e la morte: *«(Bartimeo) subito ci vide di nuovo e lo seguiva lungo la strada»* (Mc 10,52)¹³.

*"La passione per Gesù Cristo è il segreto della vita e dell'azione di
Giovanni battista Scalabrini".*

Traditio Scalabriniana, Testo base, 3

¹² A supporto di questo orientamento è opportuno notare che «la professione giovannea privilegiata per la risurrezione di Gesù, l'annuncio, il grido gioioso della comunità di fronte a questo evento è: "Ho/abbiamo visto il Signore!" con il verbo *horân* al perfetto. Equivale a un vedere con tutto l'essere, a un'esperienza personale totalizzante: è la certezza esperita che Gesù è di nuovo vivo! "Perché hai visto (*heôrakas*) me, hai creduto" (20,18.25.29). Il neovedente fa un'esperienza analoga a quella pasquale dei discepoli, nel senso che ha esperito in Gesù il Signore e maestro del quale valeva la pena di diventare discepolo, a costo di essere espulso dal proprio gruppo di appartenenza, nel quale era già stato insultato: "Tu sei discepolo di quello!" (9,28)»: M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita XLIX* (3, 2004), p. 29.

¹³ Un prezioso commento spirituale all'intera pericope, con particolare sottolineature delle dinamiche relative alla vista, si può leggere in N. Fantini, "Vedere per credere e credere per vedere", in *Parole di Vita XLIX* (3, 2004), pp. 49-52.

ENCOUNTER, DIALOGUE AND PROCLAMATION IN THE HEALING OF A BLIND MAN FROM BIRTH (Jn 9,1-41)

Gabriele Bentoglio, cs

1. The itinerary of the “sign”: encounter, dialogue, proclamation

The “sign” of the healing of a blind man from birth is the sixth “miracle” reported by John (9,1-41) and it belongs to the “book of signs”, which forms the first part of the Fourth Gospel (Jn 1,19 - 12,50)¹.

The narration is among the most stylistically refined passages of the Gospel of John. It is all built on the progressive alternation of different forms of dialogue. The entire structure, then, revolves around the theme of “light”, which is among the main topics of this Gospel.

Already in the prologue we read that: «The true light, which enlightens everyone, was coming into the world» (1:9): it is Jesus who reveals himself, he is the light. Before him, however, a decision must be made and, in fact, the prologue says that: «He came to what was his own, but his own people did not accept him» (1:11). There are those who reject the light. But there are also those who accept this gift, and so: «to those who did accept him he gave power to become children of God» (1,12).

Shortly before meeting the man born blind, Jesus had said: «I am the light of the world. Whoever follows me will not walk in darkness but will have the light of life» (8,12). The unexpected gift of sight to a man born blind, therefore, is as if to justify the truthfulness of that statement, which Jesus repeats even in this context immediately before performing the miracle: «While I am in the world, I am the light of the world» (v. 5).

The theme of light, therefore, is a synthesis of the whole Gospel of John: whoever welcomes the light and believes receives the fullness of life as a gift and, in turn, communicates the experience of salvation to others. This is the itinerary that also unfolds in the pericope of the blind man's healing: from the encounter with Jesus, who offers light, to authentic dialogue, which confirms faith and thrusts to proclamation, passing through the paths of incomprehension, conflict and sometimes even marginalization and exclusion.

It should be noted that the miraculous healing of blind people is found not only in this passage of the Fourth Gospel, but also in the Synoptics, which help to complete the historical picture and catechesis of the early Christian communities (see, for example, Mk 8:22-26; 10:46-52 and par.; Mt 9:27-30; Lk 7:22). Behind the story, therefore, we recognize a good historical tradition² and an important document of evangelization.

Finally, let us not forget that the Fathers of the Church used this episode in the baptismal liturgy and catechesis on baptism. Upon closer inspection, there are no specific indications about baptism in the account. The closest references to this sacrament are the itinerary of “enlightenment”, the mud

¹ On the question of "signs" in symbolic theology see C. DOGLIO, "La teologia simbolica dell'evangelista Giovanni", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 7-10.

² Incidentally, as in the story of John, also in Mk 8:22-26 Jesus heals a blind man through the saliva smeared on his eyes: this is an archaic detail, since in ancient times a therapeutic virtue was attributed to saliva, especially when mixed with soil.

removed through water and the authoritative word of the Lord, who commands the cleansing of purification³.

However, the most evident and complete orientation remains the Christological one: it is a catechesis on the person of Jesus and on the adherence (or rejection) that people show when they meet him, dialogue with him and feel impelled to proclaim salvation or decide to be excluded from it⁴.

2. Dialogical structure of the pericope

The structure of the Johannine narrative is dramatic, following a movement characterized by seven dialogues⁵. This shows that Jesus not only faces various human situations in his journey, it also emphasizes his intention to enter into a close relationship with them, deliberately choosing to pay attention to all those who meet him, especially if they are the last, the poor, the most vulnerable⁶.

The introduction is occupied by the miraculous intervention, which concludes a brief dialogue between Jesus and his disciples, who ask him what the relationship between sin and punishment is (vv. 1-7).

Then an official dialogue in the form of a trial begins. The key witness, the blind who now can see (vv. 8-9), is presented and is called to tell how things happened, simply by exposing the sequence of facts (vv. 10-12).

Afterwards, the trial proper begins, with three scenes before the Jewish court. This is no longer an investigative dialogue: now a guilty person must be unmasked, the charges must be identified and a sentence must be pronounced. In the first (vv. 13-17) and in the third scene (vv. 24-34) the healed blind man is scrutinized, who shows a skillful ability to sustain the dialogue, which apparently

³ Among the many examples that can be cited, here is a passage from a homily by St. Augustine: «The Lord has come; and what has He done? He showed us a great mystery. He spat on earth (Jn 9:6) and with his saliva he made mud: the Word became flesh (cf. Jn 1:14). With the mud he smeared the eyes of the blind man; who, however, although so smeared, still could not see. He sent him to the Pool of Siloam. The Evangelist took care to explain to us the name of this pool, saying: *which means Sent* (Jn 9:7). You already know who the Sent one is: if Christ had not been sent, none of us would have been freed from evil. The blind man washed his eyes in that pool whose name means the Sent; that is, he was baptized into Christ. Therefore, if baptizing him, so to speak, in himself, enlightened him, it can be said that when he smeared his eyes, he made him a catechumen. Certainly, the depth of this great sacrament can be exposed and illustrated in various ways; but to your Charity it is enough to know that it is a great mystery. Ask someone: Are you a Christian? If he is a pagan or a Jew, he will answer you no; but if he answers you yes, ask him again: Are you a catechumen or a faithful one? If he answers you that he is a catechumen, it means that his eyes have been smeared with mud, but that he has not yet been washed. In what sense have his eyes been smeared with mud? Ask him and he will tell you. Ask him who he believes in, and he, because he is catechumen, will say: In Christ. I am now speaking to the faithful and catechumens. What have I said about saliva and mud? That the Word became flesh. This is also known to catechumens. It is not enough that their eyes have been smeared with mud; they must hasten to wash themselves if they want to see»: Commentary on the Gospel of Saint John, Homily 44, 2, *Patrologia Latina* 35.

⁴ There are many commentaries on the Fourth Gospel, both "scientific" and "popular". Among the major ones, we can mention at least the following in the Italian translations: R. FABRIS, *Giovanni. Traduzione e commento*, Borla, Rome 1992; X. LÉON-DUFOUR, *Lettura dell'Evangelo secondo Giovanni*, 4 voll., San Paolo, Cinisello Balsamo 1990-1998; R.E. BROWN, *Giovanni. Commento al Vangelo spirituale*, 2 vol., Cittadella, Assisi 1979; R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni, (Commentario teologico del Nuovo Testamento, IV)*, 4 vol., Paideia, Brescia 1971.1973.1981.1987.

⁵ This pericope insists on the symbolic meaning of the number 7: 7 dialogues; 7 scenes; 7 times the expression "open your eyes"; 7 titles given to Jesus (rabbi, v. 2; the envoy, v. 7; the man, vv. 11.16; the prophet, v. 17; the messiah, v. 22; the Son of Man, v. 35; the Lord, v. 36).

⁶ «It strikes that in the Johannine Gospel it is never the concerned person who asks for Jesus' intervention, as in the cases of the thirty-eight year old infirm at the pool of Bethesda (5,1-16) and the born blind man, but it is Jesus who takes the initiative»: M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 24-25.

appears as an investigation, in fact it is already oriented to the pronouncement of a sentence. Instead in the second scene the parents of the blind man who suddenly acquired sight are called to testify (vv. 18-23).

The dialogue of this trial is concerned with how things happened and what the qualifications of Jesus are: who is this man who transgresses a command from God in order to work miracles that only God could do?

This first dialogical dimension comes to a conclusion, which seemed clear from the beginning: both Jesus and the healed blind man are guilty. The factual evidence and the completely logical reasoning of the blind man, who calls upon common sense and ridicules the bad faith of his judges, are useless: Jesus has performed a miracle that should suffice to declare that he comes from God. However, this form of dialogue produced nothing but closure and rejection, because it was based on prejudice and there was no interest in serious and positive discussion.

In fact, the result is not a deepening of the truth, but the pronouncement of a sentence: Jesus is a fugitive and no further action can be taken against him; but the healed blind man is first disowned by his family, then he receives the insults of his judges and, finally, he is expelled from the synagogue.

The episode, however, does not end there: removed from his people, the healed blind man is welcomed by Jesus in a dialogue that arouses new emotions.

Let us not overlook an important aspect of the story: the evangelist points out, in fact, that once again it was Jesus' initiative that allowed the development of a constructive dialogue: «When Jesus heard that they had thrown him out, he found him...». (v. 35). It is Jesus who set out in search of the man freed from the darkness of blindness and enlightened by the “Son of Man” (v. 38) and calls upon him to definitively come out of darkness.

And so, before the Lord whom he can finally see and with whom he speaks, the healed man makes his beautiful profession of faith (vv. 35-39), while the Pharisees receive confirmation from Jesus of the wrong position they themselves have chosen: «If you were blind, you would have no sin; but now you are saying, ‘We see,’ so your sin remains» (v. 41).

3. Place composition and presentation of the characters

The indications of place and time, which usually frame a story, here are very sparse and generic, unlike, for example, the abundant and precise information that opens the encounter of Jesus with the woman of Samaria (Jn 4:1-42): perhaps it is a sign that John received this story from someone else; perhaps it was orally handed down in the communities; perhaps the editor forces the reader's attention to focus only on Jesus and not be distracted by peripheral details.

The characters are immediately introduced: Jesus, the disciples and a blind man from birth. The disciples, however, immediately leave the scene, which remains focused on the blind man, his parents and the Jewish inquisitors. Jesus appears at the beginning of the event, then remains in the background of the story, to reappear at the end with the task of pronouncing a positive evaluation of the healed man and a negative one of his judges.

Unlike the Synoptics, there are few “signs” in the Gospel of John, but all of them are marked by exceptionality. Again, while the Synoptics recall that Jesus gave sight to blind people, only John

emphasizes that the healed blind man at the Pool of Siloam had never seen in his entire life, he was born blind. Thus, John clearly highlights the extraordinary nature of the sign.

Jesus finds himself surrounded by his disciples, who ask him a question, in which we read the popular opinion – which we find for example in the book of Job (Jb 4:8-9; see also Pr 22:3) – according to which a misfortune must have a cause, and the cause is sin.

In reality, between the lines we read a question that has much more intensity and relevance. The evangelist would like to open a dialogue with his community but also with his adversaries, the Jews of the synagogue towards the end of the first century, and with all those who might ask themselves: “who is Jesus”?

The context in which the events take place is the Jewish feast of Booths, which fell between the end of September and the first half of October. It was a feast in which the motifs of water and light were recalled.

We are probably in the year 29⁷.

4. First part of the event: the healing of the blind man

The episode opens with the disciples' question: «Rabbi, who sinned, this man or his parents, that he was born blind?». (v. 2). In Jesus' answer we find that there is no consequentiality between sickness and sin. On the contrary, Jesus avoids blaming someone in particular, from the past or the present, for certain social or individual evils and reiterates a very important principle in biblical ethics: what matters is not so much to establish responsibility or identify the guilty party, but to try to remedy the situation and help the victim of the misfortune; whoever refuses to extend his hand is responsible for the persistence and, of course, the consequences of the evil.

In misfortune, as it will be in the cross of Jesus, the glory of God will be manifested. In this specific case, disability serves to proclaim God's works through the intervention of Jesus: God's work is his ability to heal a blind man who has never opened his eyes to the light, both in the physical and spiritual dimension. This is the meaning of the discourse that Jesus gives to the disciples before performing the miracle, recalling the works that he and the disciples are called to do: «We have to do the works of the one who sent me» (v. 4).

In front of the little group, with Jesus, there is a man who has never seen the reality of things; his life is reduced to begging; he depends exclusively on the compassion of his neighbor. Jesus does not give him particularly generous alms. At first, he even seems to do something offensive to the blindness of the poor man: he spreads mud on his eyes. In this way he adapts to the popular mentality, but he is careful to keep away any sense of magic in what he does. In fact, healing does not occur through the mud or water of Siloam, but through obedience to his command: «Go wash in the Pool of Siloam» (v. 7). The blind man feels dirty and is forced by his condition and Jesus' words to go down and wash in Siloam's pool. «So he went and washed, and came back able to see» (v. 7).

Jesus sends the blind man to the mouth of the channel of Hezekias and John offers an explanation of the name of the pool («Siloam, which means Sent»: v. 7), perhaps because his readers do not know Jerusalem, or perhaps to put in contact the healing that took place at the pool with Jesus, who was sent to do the works of God, that is, to make «those who do not see might see, and those who do see

⁷ The autumn feast of the Tabernacles or Booths (see Jn 7:2) lasted eight days, during which the high priest went down in procession to the fountain of Siloam to draw with a bottle the lustral water to be poured on the altar. Siloam was the only spring of a certain importance in ancient Jerusalem.

might become blind» (v. 39). In fact, the explanation of the name is a bit forced, because the meaning of siloah, in Hebrew, is active: it means sender, not sent. It refers to the channel made by Hezekias to send water from the spring of Gihon to the holding tank. John forces the explanation so that the attention does not stop on the “sending channel”, but on Jesus who is God's sent, like the water that is sent from the spring, through the channel, to the basin of Siloam⁸.

The fact is that the water completes the miracle: allusion to baptism?

In any case, by his action, Jesus contravenes the command concerning the Sabbath rest and, for this reason, the Pharisean judges condemn him as a sinner. It is curious, however, that they do not attribute the same fault to the healed blind man, who also violated the statute of limitations to go and wash himself. This confirms that the evangelist wants to prevent his interlocutors from diverting their attention from Jesus and simply get stuck on the prodigious healing.

The false and counterproductive dialogue

The Pharisees then enter the scene and resolutely deny the miracle because Jesus desecrated the divine commandment and, therefore, cannot belong to the divine realm⁹.

The judges, however, do not find an agreement on the identity of Jesus. The defenders of the law to the fullest extent rely on the transgression of the Sabbath and have no interest in a person healed of a terrible disability; those more open among them, however, wonder how a miraculous sign can be performed by those who do not obey God's law.

Given their differences, they question the healed blind man. Yet, even when faced with the indisputability of the miracle, instead of questioning their beliefs, they prefer to deny the evidence: the miracle never happened, simply because the blind man has never been blind (v. 18)!

However, they do not feel satisfied and send for the parents of the healed blind man, in an attempt to grasp some contradiction about Jesus' identity or how the miracle happened. Parents get by with dexterity, downloading on their son every evaluation: «he is of age; he can speak for himself» (v. 21). This behavior explains well the tension between Christians and the synagogue at the end of the first century. In the 80's A.D. the excommunication of the Judeo-Christians was decreed.

This is why the evangelist intervenes as he feels compelled to offer an explanation to his readers. And here we come to discover the historical background that is stabilized towards the end of the first century, when there was official hostility between the Jewish and Christian communities. While Jesus was alive, in fact, it was unlikely to record an open struggle between the small group of his followers and the Jewish synagogue. Moreover, let us remember that even after Jesus' ascension the disciples continued to go to the temple, where Peter even performed a miracle (Acts 3:1-10); Paul, then, at least twenty years after Jesus' ascension, was arrested in the temple area, a sign that he could go there without particular restrictions or impediments (Acts 21:27-36).

It seems more likely that this episode, with John's explanation, reflects a historical situation ascertained at the end of the first century, when documents attest to three kinds of excommunication

⁸ A good and exhaustive interpretation of this passage has been elaborated by M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 25-27

⁹ To try to better identify the designation of the group that leads the trial, the suggestion of M.L. Rigato is interesting: «Perhaps with the term "Pharisees", i.e. "separated", the evangelist does not intend to refer only to the historical movement of zealots of the Torah, as Paul was (Phil 3,5; Acts 23,6; 26,5), but also to disciples of Jesus with the same characteristics», see "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), p. 28:

by the Jewish communities: 1) the “punitive” one that lasted a week; 2) the one that lasted a month and involved the estrangement from the Jewish associations, but not from the liturgical service, prayer and sacrifice to the temple, until the temple existed; 3) finally there was the excommunication called *herem*, a solemn curse, which excluded forever from the synagogue and from Israel. Perhaps at the time of Jesus the first two were active, while at the time of the Johannine community the third, the most serious one, documented under Gamaliel II at the end of the first century, was in force.

The dialogue that stirs faith

The interrogation continues, ironically described by John, who presents the ability of the healed blind man in contrast to the ugly performance that the Pharisees make.

And after the various back and forth of the dialogues influenced by prejudice and rejection, Jesus meets the healed blind man face to face. When he still could not see, perhaps a disciple of Jesus or someone else may have revealed to him the identity of his healer, but he could not see his face, not even after washing in the water of the fountain. Now he can finally meet him again, but obviously he cannot recognize him. In front of him there could also be someone who, having listened to his talks with the Pharisees, sought him out to compliment his frankness.

And here we have an open-face dialogue. Hunted out of the synagogue and welcomed by Jesus, he is asked if he believes in the «Son of Man» (v. 35). This title in essence is equivalent to that of “Messiah”, but it is likely that the evangelist avoids it because of its clearly political connotation.

Jesus' question urges the healed blind man to convince himself that he who stands before him is great not only because «he is a prophet» (v. 17), «he honors God and does his will» (v. 31), as he said before, but precisely because he is the Son of God, judge and savior¹⁰.

Jesus not only gives him back the light of the eyes, but also the light of faith. Thus, the semantic parallel takes shape between *seeing physically* and *not seeing spiritually*, and vice versa, which in a story like this is very appropriate. The Pharisees, in fact, sure of possessing the truth, refuse to see a different perspective in order not to question their own certainties. In their conscious choice to choose darkness instead of light, God's judgment, which excludes them from salvation, is carried out.

In fact, the encounter with Jesus does not leave one indifferent: one must decide. And people are divided into two groups: on the one hand, those who accept his proposal of salvation and, on the other, those who reject it: «I came into this world for judgment, so that those who do not see might see, and those who do see might become blind» (v. 39). The person who recognizes that he is blind in a world of darkness receives sight in the light of Jesus. On the other hand, the person who considers himself able to see and wraps himself in the pretended light of his reason closes his eyes even more to the light of Jesus, even if the pretended light concerns religion, as in the case of the Pharisees. The “being in darkness” then becomes a “wanting to remain in darkness”, not wanting to be enlightened.

¹⁰ «The sighted one calls him "Lord" and questions Jesus about who the son of man is. Jesus reveals himself: "You have seen him and the one speaking with you is he." The sighted man replies: "I do believe, Lord," and he worshiped him". (9,38). The expression "the one speaking" (ho lalōn) recurs in John also in the section of the Samaritan woman to whom Jesus reveals himself as the Messiah (4,25-26)»: M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), p. 29.

With Jesus-light came the hour of decision: for perdition or eschatological salvation. The first step towards light is to become aware of being spiritually blind, in need of being healed from evil and sin, so as to accept the invitation to open oneself to the light of revelation and to participate with the born blind in the experience of light, which comes from Jesus¹¹.

The purpose of the story

Why did John want to present this episode of Jesus' life? Beyond the historical fact, we can ask ourselves: is there something that John wanted to teach his community, the readers of his Gospel?

Reading carefully the dramatic development of the story, as is typical of the Fourth Gospel, it seems clear that the whole narration aims to describe the progressive growth of enlightened faith and blind disbelief, confronted first with each other and then with Jesus himself. In fact, it is not difficult to notice that the evangelist plays on the different meanings of being "blind" and the verb "to see", in relation to the verb "to believe". It is the story of a man who sat in darkness asking for alms and who was led to see the light, not only the physical light but also the light of faith. But it is also the story of those who believed they saw and became blind, rejecting the light and sinking into darkness.

In many ways, this story also reflects the writing of the first chapters of the Fourth Gospel on the development of faith in the symbolic characters of Nicodemus in 3,1-36, the woman of Samaria in 4,1-42 and Herod's official in 4,46-54.

We have two parallel lines, going towards an ever-brighter light on the one hand, and towards an ever thicker and bleaker darkness on the other. In fact, we note the progressive passages on the side of the Jews: at first their judgment on Jesus is uncertain, still divided and suspended (v. 16: «This man is not from God... How can a sinful man do such signs?»); then they become sure and convinced that Jesus is a sinner (v. 24: they want to force the healed blind man to confess together with them: «Give God the praise! We know that this man is a sinner»); and they go so far as to brutally kick the healed blind man out of the community (v. 34).

In contrast, we note the development of the story on the side of the blind man: at the beginning this man, under the pressure of the Pharisees' false dialogue, courageously confesses Jesus as a prophet (v. 17: «So they said to the blind man again, "What do you have to say about him, since he opened your eyes?" He said, "He is a prophet"»). Then he changed his mind, towards a deeper certainty, declaring that he came from God: «If this man were not from God, he would not be able to do anything» (v. 33) and, finally, kneels before Jesus, in a gesture of adoration, expressing his faith «I do believe, Lord» (v. 38).

In summary, John presents a fact that begins with a blind man, who acquires sight, and ends with the Pharisees, who become spiritually blind.

Dialogue leads to proclamation

In conclusion, one cannot fail to notice that subtle irony typical of John, which makes one smile and, at the same time, encourages the community, while mocking the Pharisees: from uncertainty (v.16) they move on to the conviction that Jesus is against God (v. 24), but in the end they involuntarily confess their ignorance when they declare: «We know that God spoke to Moses, but

¹¹ In summary, on the theme of light in the Fourth Gospel, see B. Maggioni, "Io sono la luce", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 44-47.

we do not know where this one is from» (v. 29). In short, John plays on the learned knowledge of the Pharisees, which in reality proves to be total ignorance.

On the other hand, the serene knowledge of the simple man, who has had the experience of meeting Jesus and having a dialogue with him made of sensitivity, tenderness and healing, towards the recovery of physical health as well as in the discovery of faith and a renewal of the spirit, is progressively rewarded.

It is, ultimately, a subtle reflection on the different systems of “knowledge”. In fact, in this story, there are at least three ways of “knowing”: the prudent one of the parents of the man born blind, the sure “knowing” of the Jews and the open “knowing” of the healed blind.

The Johannine narrative is interrupted by the profession of faith of the newly sighted to leave room for the words of Jesus, who reveals his identity by recurring to the metaphors of the door and the pastor. Without forcing the text, however, we are authorized to integrate this page of the Fourth Gospel with the parallel narratives of the Synoptics, where blind people, who regain their sight after a personal dialogue with Jesus, continue to have roles of primary importance¹². In fact, according to Matthew's version, the recovery of sight produces an overwhelming enthusiasm, so much so that healed people do not obey Jesus' command, which obliges them to remain silent about the miracle, but they even become promoters of the propagation of the unexpected healing throughout the surrounding environment. Thus, writes the First Evangelist: «And their eyes were opened. Jesus warned them sternly, “See that no one knows about this.” But they went out and spread word of him through all that land» (Mt 9:30-31).

The Gospel of Mark, finally, is even more explicit in reporting that the defeat of blindness motivated Bartimaeus to follow Jesus, who is coming up to Jerusalem from Jericho to face the passion and death: «(Bartimaeus) Immediately he received his sight and followed him on the way» (Mk 10:52)¹³.

*The secret of John Baptist Scalabrini's life and work is his passionate love
for Jesus Christ.*

Traditio Scalabriniana, Base Text 3

¹² In support of this orientation, it should be noted that «John's privileged profession for the resurrection of Jesus, the announcement, the joyful cry of the community in front of this event is: "We have seen the Lord!" with the verb *horân* in the perfect tense. It is equivalent to seeing with all one's being, to a totalizing personal experience: it is the experienced certainty that Jesus is alive again! "Because you saw (*heôrakas*) me, you believed" (20,18.25.29). The new sighted person has an experience similar to the Easter experience of the disciples, in the sense that he has experienced in Jesus the Lord and teacher of whom it was worthwhile to become a disciple, at the cost of being expelled from his own group, in which he had already been insulted: "You are that man's disciple!"» (9:28)": M.L. Rigato, "Gesù apre gli occhi del cieco nato", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), p. 29.

¹³ A precious spiritual commentary on the entire pericope, with particular emphasis on the dynamics related to sight, can be read in N. Fantini, "Vedere per credere e credere per vedere", in *Parole di Vita* XLIX (3, 2004), pp. 49-52.